



ACESSO:  
[www.jornaldeletras.com.br](http://www.jornaldeletras.com.br)

## 80 anos do Pequeno Príncipe

*O Pequeno Príncipe*, do francês Antoine de Saint-Exupéry, completou 80 anos de sua primeira publicação. Com o título original de *Le Petit Prince*, a novela foi, originalmente, publicada em abril de 1943, nos Estados Unidos, com ilustrações do próprio autor. Desde então, vem despertando encantamento em gerações de leitores – grandes e pequenos – que se fascinam com a filosófica fantasia infantil do personagem principal. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)

Sendo um excelente piloto e exercendo essa atividade com grande brilho, Saint-Exupéry não deixou de ser um dos nossos maiores escritores, tendo por alvo o público infantojuvenil. Escreveu o famoso *O Pequeno Príncipe*, que se tornou um best-seller internacional de reconhecidos méritos. Merece, por isso mesmo, a nossa homenagem na capa do JORNAL DE LETRAS. A sua atuação foi tão marcante que se tornou referência para outros escritores, inclusive no Brasil. Lembramos de uma homenagem feita a ele, no Rio de Janeiro, por Maurice Druon, na época Secretário Perpétuo da Academia Francesa. A ABL se solidarizou com a merecida homenagem.

O editor.



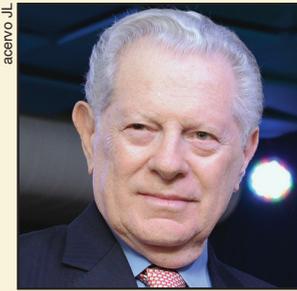
A acadêmica Fernanda Montenegro, na plateia da peça *Julius Caesar – Vidas paralelas*, no Teatro Poeira, prestigiando o ator Isio Ghelman.

**Expediente**

**Diretor responsável:** Arnaldo Niskier  
**Editora-adjunta:** Beth Almeida  
**Colaboradora:** Manoela Ferrari

**Secretária executiva:** Andréia N. Ghelman  
**Redação:** R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com  
**Distribuidores:** Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048  
**Correspondentes:** António Valdemar (Lisboa).  
**Programação Visual:** CLS Programação Visual Ltda.  
**Fotolitos e impressão:** Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114  
**Versão digital:** www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.



**Gilberto Gil, Aquele Abraço**

A amiga Gilda Matoso, viúva do poeta Vinícius de Moraes, toca o telefone e pergunta o que achamos do show de Gilberto Gil e família, no Teatro Qualistage, no Rio, para uma plateia de cinco mil pessoas. Difícil encontrar palavras para definir aquelas duas horas de músicas de primeira qualidade, com a participação de filhos, filhas, netos e netas, todos afinadíssimos. Um álbum de família (Nós, a gente), com destaque para a palavra ancestralidade. “A África está sempre presente nas conversas lá de casa” – afirma o orgulhoso Gil, membro da Academia Brasileira de Letras.

A temperatura do show cresce quando percebemos a presença no palco da sua filha Preta Gil, hoje em severo tratamento de câncer. Lá pelas tantas ela desaparece, mas volta antes do final, para receber merecida ovação quando afirma, orgulhosa, “sou filha de um imortal, preta, cantora, em tratamento de câncer, gorda, bissexual”. São muitas nuances numa só personalidade.

Os telões ao fundo são muito importantes. São imagens da Bahia, do Rio, dos filhos de Gandhi, dos Doces Bárbaros, da sua amiga Rita Lee (muito homenageada) e de toda a família, inclusive os pequerruchos que se iniciam na carreira musical. Preta Gil canta o *Vá se Benzer*, que gravou com a inesquecível Gal Costa. O neto Sereno brinca com a guitarra, como se já fosse um profissional. O que se revela quando a linda neta Flor canta com Gil a famosa *Garota de Ipanema*, numa bonita homenagem a João Gilberto.

A crítica social até nos Barracos da cidade e a proposta musical se sustenta na figura do diretor musical Bem e do trio Francisco, João e José, que integram o conjunto de Os Gilsons. As vocalistas são Preta Gil, Nara e Flor, ainda com a nora Mariá Pinkusfeld. É um quarteto vocal de muito respeito.

A renovada homenagem a João Gilberto se assinala com o famoso *O pato*. O próprio Gil ganha muitos aplausos com o seu incrível *Andar com fé*. Vem para chegarmos, na hora do esperado bis, ao famoso *Aquele abraço*, em que se lembra até a torcida do Flamengo, para chegar à afirmação de que O Rio continua lindo. Quem diria que não, depois de um sucesso tão avassalador?

“Não se curem além da conta. Gente curada demais é gente chata. Todo mundo tem um pouco de loucura. Vou lhes fazer um pedido: Vivam a imaginação, pois ela é a nossa realidade mais profunda.”

**Rise da Silveira**

“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.”

**Paulo Freire**

# Gabriel Chalita toma posse no Pen Clube do Brasil

Por Maria Cabral

Gabriel Chalita, da Academia Paulista de Letras, foi empossado como membro efetivo do Pen Clube Do Brasil. Na cerimônia de posse, Chalita foi recepcionado pela escritora e historiadora Mary Del Priore, também membro da instituição.

Entre os presentes no evento, o presidente do Pen Clube Brasil, Ricardo Cravo Albin, o acadêmico Arnaldo Niskier e a esposa, Ruth, e o secretário municipal de cultura do Rio, o ex-ministro Marcelo Calero.

Em seu apreciado discurso, Chalita expressou sua gratidão e o valor das palavras: "Agradeço aos membros do PEN clube do Brasil pela acolhida. É honroso fazer parte de um grupo que cultiva as pausas e o que vem depois dela. Somos também sol. Antes do que escrevemos, só há a possibilidade. Rasgamos o desconhecido e apresentamos o novo, no professor de crenças que não ditas ficariam adormecidas dentro de nós. Imaginem o sol que não vem?! Imaginem os dias sem os escritores..."

Antes da procissão de palavras, há o nada. Então, elas vão saindo, uma a uma, ganhando as ruas dos passantes, parando os agitos para celebrar as atenções.

Pasmem! Vivemos tempos desatentos. Os humanos, os que manejam a palavra, têm se perdido em intermináveis barulhos que bagunçam o pensar. Sem o pensar, a palavra dita não é palavra. É dizer sem dizer. É som sem os afins. É certo que desafinamos. É certo que, se nos ouvirmos, perceberemos. Mas como nos ouvirmos no meio do barulhar de tantas vozes sem voz? Não. Não podemos entregar o leme quando vemos os desgovernos. Somos escritores. Escrevemos como necessidade. Escrevemos como cultores dos melhores sentimentos para os melhores movimentos dos mares e dos povos de todo o mundo.

Escrevemos para despertar os sonhos ou para apresentar o sonho aos sonhadores. Bernard Shaw, que foi membro do PEN clube, inspirou, com seu Pigmaleão, a obra *My Fair Lady* que, no cinema, teve Audrey Hepburn no papel de Eliza Doolittle, uma mulher que vendia flores nas ruas escuras de Londres e que sonhava ter uma iluminada floricultura. No Brasil, a primeira montagem desse musical teve Bibi Ferreira fazendo Eliza, contracenando com Paulo Autran e com uma atriz muito jovem chamada Marília Pêra.

A palavra é a linha condutora de *My Fair Lady*. Como ensinar a essa jovem os sons, as pronúncias corretas, o dizer nascido de uma intenção? O professor foi percebendo que não bastava a técnica para forçar a tão desassistida jovem a dizer o que sentia. Era preciso mais. E o amor vai explicando a vida que se explica com a palavra.

## A PALAVRA, SUA EXCELÊNCIA, A PALAVRA.

A palavra é também silêncio. A palavra é a solidão preparadora do que virá depois. É como a pausa entre as notas musicais para que a linguagem de Deus se faça música. Que palavras acompanharam Mozart ao compor *A Flauta Mágica* ou Beethoven, a *Nona Sinfonia* ou Villa Lobos, *O Trenzinho do Caipira*? (...)

Mais um dia se despede. A luminosidade da natureza já adormeceu. Mas vai amanhecer. Um livro é um dia amanhecendo. Nas suas primeiras páginas, o abrir das janelas. A luz tímida. Nas páginas que vão se sucedendo, o dia vai entrando com suas imprevisibilidades na vida do leitor. Espaços são apresentados nos tempos do ler. E o ler vai trazendo imagens que acumulam conceitos e que decidem vidas depois.

Um dia é um tribunal incansável de decisões. A liberdade é uma condição dos humanos. Escolhemos sempre. Das questões mais distraídas aos assuntos que decidem vidas. Escolhemos. Um médico escolhe o melhor tratamento. Um juiz escolhe os argumentos que fundamentarão sua decisão. Um motorista escolhe o caminho, e um padeiro o jeito de fazer o pão e alimentar. Um político escolhe entrar ou não em guerra. Mandela escolheu não revidar. Escolheu dizer 'não' à vingança. Escolheu pacificar. Escolheu gastar os dias que restavam para desgastar o horrendo preconceito. Churchill escolheu não sucumbir diante do destruidor de vidas. Madame Curie escolheu a ciência, e Isadora Duncan, a dança. Quantas palavras no seu dançar...

O que leram essas mulheres e homens nas pessoas e nos livros? O que leram neles mesmos para fazerem suas escolhas? Mandela, por exemplo, leu Shakespeare. E grifou, no exemplar de Júlio Cesar: 'Os covardes morrem muitas vezes antes de sua morte; os valentes morrem uma única vez.'

Nas relações entre as nações do mundo ou nos mundos que moram dentro da gente, os valentes dizem sim à humana necessidade de escolher. Escolher, com amor, então, faz toda a diferença. (...)

Escritoras e escritores membros do Pen club, amigas e amigos desse dia e dos dias tantos que escrevemos juntos nas páginas dos afetos, agradeço a presença e o presente. É um presente cultivar os afetos. É um presente dizer ditos de amor. É um presente viver.

Mais um dia se despede. Um dia único. Singular. Irrepetível.



Na posse de Gabriel Chalita, no PEN CLUBE do Brasil, o presidente Ricardo Cravo Albin e a historiadora e escritora Mary Del Priore.



Gabriel Chalita recebe os cumprimentos do casal Ruth e Arnaldo Niskier, junto com o secretário municipal de cultura do Rio, Marcelo Calero, no PEN CLUBE do Brasil.

Em mim, o menino que se fez escritor aos 12 anos, um dia que ficará em destaque na prateleira sagrada da memória. Aqui, confesso, mais uma vez, minha fidelidade à literatura. Ser escritor é o que sou. Não me reconheço sem o texto. O pensado e o nascido. Sou fruto das vidas que observo. Das tantas que desfilam nos dias que nascem depois das noites.

Sou fruto também das noites, da saudade. Como gostaria que meu pai, meu bom José, e minha mãe, a mulher que não economizava no amar, estivessem aqui. Estão. Sou fruto de professoras e professores, de professores da crença de que viver não é um acaso. Somos um em bilhões. Somos um. Somos únicos. Sou fruto de um amadurecer constante no tempo do viver. Se não escolho o tempo que fico, escolho as palavras que dão a esse tempo a dignidade que aprendi e que ousou ensinar.

Prossigamos, irmãos de ofício, escrevendo a vida e com a nossa escrita acrescentando vida aos irmãos nossos, frutos do mesmo barro do existir humano.

Pode se despedir em paz, 22 de maio de 2023. Amanhã, você já será memória."

## TRAJETÓRIA

Professor e escritor, a trajetória de Chalita é exemplar. Fez dois doutorados – em Comunicação e Semiótica e em Direito; e dois mestrados – em Sociologia Política e em Filosofia do Direito. Dirigiu várias instituições educacionais e ocupou importantes cargos públicos. Foi secretário da Educação do Estado de São Paulo e secretário da Educação do Município de São Paulo. Foi, também, vereador de São Paulo e deputado federal. É professor dos cursos de graduação e pós-graduação nas universidades PUC-SP, Mackenzie e IBMEC. É membro da Academia Brasileira de Educação, da Academia Brasileira de Cultura, além da Academia Paulista de Letras.

Ao longo de sua carreira, publicou cerca de 90 livros, entre eles *A ética do Rei Menino*, *O Pequeno Filósofo*, *Pedagogia do Amor*, *Sócrates e Thomas More – correspondências imaginárias* e *Os 10 Mandamentos da Ética*. No Brasil, na América Latina, Europa e Orienta médio, vendeu mais de 10 milhões de cópias. É também autor de diversas peças de teatro, dentre elas: *O Semeador*, *Hortance*, *a Velha*, *Muito Louca* e *Nelson Gonçalves*, *o Amor e o Tempo*. Aos doze anos de idade, publicou seu primeiro livro. Iniciou sua carreira docente aos quinze anos e nunca deixou a sala de aula.

## PEN CLUBE

O Pen Clube do Brasil foi fundado em 2 de abril de 1936, no Rio de Janeiro, por iniciativa do escritor Cláudio de Sousa. Desde o princípio, destina-se a congregar escritores do país, estimular a criação literária e a concepção universalista da cultura, da liberdade e da paz, cultivando os sentimentos que animam o PEN Internacional.

● O PRÊMIO OEI de Contos sobre Ciência e Tecnologia, novo concurso produzido pela Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura, está com inscrições abertas até o dia 31 de agosto. Qualquer história inédita de ficção científica, bem como trabalhos distópicos de horror ou fantasia, com aspectos ligados à ciência e/ou à tecnologia, são aceitos.

● EM *A Raiz das Coisas – Rui Barbosa: o Brasil no mundo* (Civilização Brasileira), o diplomata Carlos Henrique Cardim reúne material valioso para reconstruir a participação de Rui Barbosa na Segunda Conferência da Paz de Haia, de 1907.

● A EDITORA PLANETA lançou nova edição de *Histórias Íntimas*, de Mary Del Priore.

● AUTOR BEST-SELLER do *New York Times*, Jonah Berger une tecnologia, ciência da linguagem e linguística computacional em *Palavras Mágicas* (Harper Collins). A obra investiga como perguntar as coisas certas, prender a atenção de alguém, falar com confiança e criar conteúdo impactante, além de explorar como as palavras podem revelar informações sobre a personalidade.

● COM 13 ARTIGOS, apresentando um panorama histórico e atual sobre a situação dos índios no Brasil, a obra *Povos Indígenas entre Olhares* foi organizada por André Roberto Machado e Valéria Macedo para Edições Sesc e Editora Unifesp.

● EM OBRA publicada pela BestSeller – *O Poder do Ritual* – o pesquisador da conceituada Harvard University, Casper Ter Kuile, convida o leitor a imprimir significado nas ações cotidianas e transformar hábitos em rituais.

● DEBATES SOBRE o futuro protagonizam o livro e o documentário *De Futuro em Futuro* (H1 Editora), do neurocientista Álvaro Machado Dias.

● AO LONGO do livro *Como Surgem as Inovações* (Faro Editorial), Matt Ridley conta

histórias fascinantes sobre tecnologia, em narrativa inspiradora sobre o desenvolvimento da humanidade.

● DEPOIS DE MAIS de vinte anos de pesquisas sobre o funcionamento da mente, Augusto Cury apresenta mais um best-seller: *12 Semanas para Mudar uma Vida* (Ed. Academia).

● 124 FRAGMENTOS compõem *Parte de mim* (Ed. Quêlônio), novo livro de Daniele Tavares, que reflete sobre um passado que não volta, mas que ganha novas cores por meio de uma escrita literária vigorosa.

● CLÁSSICO DA astrologia psicológica de Liz Greene, *A Astrologia do Destino* (Ed. Pensamento)) ganhou nova edição revista e atualizada, com tradução de Carmen Youssef.

● A EDITORA TABLA publicou *Homens ao Sol*, primeira novela do autor Ghassan Kanafani, pioneiro da literatura de resistência palestina.

● APÓS CINCO ANOS fora de catálogo, a Harper Collins lançou nova edição do livro *P.S. Eu te Amo*, de Cecelia Ahern, com tradução de Iris Figueiredo.

● A NORTE-AMERICANA N. K. Jemisin, uma das mais renomadas escritoras de ficção especulativa da atualidade, lançou *Sombras do Sol* (Ed. Morro Branco).

● NO LIVRO *Engenharia da Alma: Transformando medos em potência* (Citadel), Sandra Strauss, especialista em Cabala e meditação, ensina a mudar a vibração, conhecer os medos e alterar padrões.

● *VÁ FELIZ* (Ed. Gente), de Neder Izaac e Astromar Braga, apresenta algumas, dentre muitas, respostas que costumam surgir, quando o assunto é felicidade.

● NUMA ABRANGENTE análise de obras clássicas e contemporâneas, nacionais e estrangeiras, Maria Esther Maciel amplia as reflexões sobre animais e literatura em *Animalidades* (Instante).

## VALOR LITERÁRIO



● EM *Na Companhia de um Mais Novo: Funções do narrador-criança em dois romances africanos* (Ed. Letramento), a autora Marina Candido oferece uma leitura afrocêntrica, questionando arcabouços teóricos.

● ORGANIZADO POR Daniela Chindler, a obra *Cientistas Brasileiros* (Ed. Sapoti) destaca alguns dos principais pesquisadores contemporâneos do país e seis dos pioneiros que entraram para a história.

● *ELISA BRANCO: UMA VIDA EM VERMELHO* (Editora Civilização Brasileira), de Jorge Ferreira, é uma contribuição ao que ficou conhecido como *História das Mulheres*, nos anos 1950.

● NO SIMPÁTICO *A Mordida Mais Poderosa* (Faro Editorial), Howard Calvert cria um universo divertido de leitura, com ilustrações de Mike Moran.

● *MAGNOLIA PARKS* (Intrínseca), romance de estreia da australiana Jessa Hastings, foi comparado a *Gossip Girls*. Reúne paixões, intrigas e reviravoltas na alta sociedade londrina.

● BEST-SELLER do *New York Times* e *USA Today*, *Melhor do que nos Filmes*, de Lynn Painter, foi traduzido por Alessandra Esteche para a Editora Intrínseca.

● ESCRITO POR Mary Shelley em 1826, *O Último Homem* ganhou nova edição, com tradução de Marcella Furtado para a Editora Landmark.

● IAIN M. BANKS explora a gênese da guerra, da destruição e da moralidade da fé, em sua nova obra de ficção científica: *Pense em Phlebas* (Ed. Morro Branco).

● LINHA TÊNUE entre o bem e o mal é desmistificada em *Apenas um Monstro* (Alta Novel), primeiro livro da trilogia criada pela australiana Vanessa Len.

● *EU SÓ CABIA NAS PALAVRAS* (Harper Collins), da produtora Rafaella Ferreira, é uma obra sensível sobre amor e autoaceitação.

● O EDITOR Fredson Bowers reuniu aulas, palestras e anotações de Vladimir Nabokov e transformou na obra *Lições sobre Dom Quixote*, com novas perspectivas sobre o clássico cervantino. O livro foi lançado no Brasil pela Editora Fósforo, com tradução de Jório Dauster.

● UM DOS MAIS aclamados quadrinistas da indústria, com diversas séries e personagens icônicos da Marvel, John Romita Jr. foi anunciado como uma das atrações da CCXP23 em sua próxima edição, de 30 de novembro a 3 de dezembro de 2023, na São Paulo Expo.

● *XÓ – RELAÇÕES ABUSIVAS SOB UM NOVO OLHAR* (e-galaxia), de Stella Florence (Embaixadora em Portugal do projeto “Pode Gritar”), revela o método de manipulação dos abusadores.

# Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

## Fedido

“Ingrid não queria ficar perto do irmão, que estava mal-cheiroso.”  
Não creio que estava fedido, escrevendo assim.

Não se emprega o hífen nas palavras compostas em que o advérbio **mal** se liga ao elemento seguinte iniciado por **consoante**. Ex.: maldisposto, malnascido etc.

Frase correta: “Ingrid não queria ficar perto do irmão, que estava **malcheiroso**.”

## Estar, está e esta

Para não errar nunca mais:

**Estar**: verbo estar no infinitivo pessoal.

Ex.: Faço de tudo para **estar** o resto da minha vida empregado.

**Está**: verbo estar na 3ª pessoa do singular.

Ex.: Ela **está** animada para a formatura.

**Esta**: pronome demonstrativo.

Ex.: **Esta** mulher ficou preocupada com a demora do conserto do seu carro.

## Moralidade

“Professora Natália levantou a moral dos estudantes antes da prova.”

Aposto que não foram bem no exame.

Veja:

**A moral** – utilizada no sentido de bons costumes.

Ex.: “A noiva precisa manter **a moral** da família, vestindo-se de forma adequada no seu casamento.”

**O moral** – utilizado no sentido de ânimo.

Ex.: “O almirante levantou **o moral** dos marinheiros antes de enfrentar a tempestade em alto mar.”

Frase correta: “Professora Natália levantou **o moral** dos estudantes antes da prova.”

## Cuidado na via

“Segundo a polícia, ele tentava atravessar havia quando foi atingido pelo carro.”

Coitado! Veja: ambas formas possuem o mesmo som, mas grafias diferentes, aí está o erro.

**Havia** – pretérito perfeito do indicativo do verbo haver. Eu **havia**/ tu **havia**s/ ele **havia**/ nós **havíamos**/ vós **havíeis**/ eles **haviam**.



**A via** – Caminho (terrestre, aéreo, marítimo ou fluvial) que liga duas localidades: **vias** transitáveis. Meio de transporte: chegou por **via** aérea; Figurativo: Meio de que se vale alguém para alcançar um fim: **a via** da persuasão; Cada uma das cópias igualmente válidas de um documento: a primeira **via** de um contrato; Anatomia: Canal do organismo: **vias** urinárias; Preposição: Pelo caminho de: vai a Londres **via** Paris; **Vias** de fato, ações violentas, pancadas: os desafetos chegaram às **vias** de fato.

Frase correta: “Segundo a polícia, ele tentava atravessar **a via** quando foi atingido pelo carro.”

## Não chegou bem!

“Aurora chegou em Araruama e adorou o clima da cidade.”

Não deve ter chegado bem. **Os verbos chegar / ir** – devem ser introduzido pela preposição “**a**” e não pela preposição “**em**”.

Ex.: “Vou **ao** colégio hoje”, “Cheguei **a** Santa Cruz no começo da noite”.

Frase correta: “Aurora chegou **a** Araruama e adorou o clima da cidade.”

## Jogo desastrado

“André assistiu o jogo do Flamengo ao lado do irmão, mas o time perdeu.”

Que lástima! Falharam a zaga do time e a regência verbal.

O verbo **assistir**, no sentido de **ver**, **presenciar**: exige a preposição “**a**”. Ex.: “Não assistimos **ao** espetáculo.”

Frase correta: “André assistiu **ao** jogo do Flamengo ao lado do irmão, mas o time perdeu.”



## Conhecendo Machado de Assis

Círculo Vicioso

Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:

– “Quem me dera que fosse aquela loura estrela,  
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela!”

Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme:

– “Pudesse eu copiar o transparente lume,  
Que, da grega coluna à gótica janela,  
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bela!”

Mas a lua, fitando o sol, com azedume:

– “Mísera! Tivesse eu aquela enorme, aquela  
Claridade imortal, que toda a luz resume:

Mas o sol, inclinando a rútila capela:

– “Pesa-me esta brilhante auréola de nume...  
Enfara-me esta azul e desmedida umbela...  
Por que não nasci eu um simples vaga-lume?”

(*Ocidentais*, in *Poesias Completas*, 1901.)

# Uma noite com Rita Lee na Estação Cidadania

Por Peilton Sena\*

Rita lia

Rita ria

Chorava, esbravejava, esperneava, denunciava, cantava... ah, como cantava!

Cantava os amores, as dores e as alegrias dela e nossas.

Rita, um espírito cantante, vibrante, andante e mutante;

Mulher de garra, atitude e leveza; cria da Mãe Natureza!

Ovelha negra da família e também anjo bom, sangue bom

Que remava contra a maré e até duvidava da fé.

Mas Rita sempre quis fazer um monte de gente feliz e fez e faz

Porque “quem é bom não morre, torna-se encantado” e

“Depois da estrada, começa uma grande avenida;

No fim da avenida existe uma chance, uma sorte, uma nova saída”

Dizia ela na canção Coisas da Vida.

Sim, porque a morte é apenas uma passagem, nunca será o fim da nossa existência!

Rita sabia muito bem disso e então, cantava:

“Se Deus quiser

Um dia eu viro semente

E quando a chuva molhar o jardim

Ah, eu fico contente

E na primavera vou brotar na terra...”

Essa noite Rita brota de novo e

baila comigo, com você

E com todos nós nessa Estação

Cidadania

Em letra e verso, rima e sons, risos e

alegrias

Afinal, Rita Lee é rock, é pop e poesia

E lá da Via Láctea continuará espalhando amor por telepatia

Em meu coração, em seu coração

No chão, no mar, na lua, na melodia...

É Rita Lee, nossa querida Ritinha

Essa noite de todos os amores e amigos e cantores

De você nos lembramos mais

Um beijo de todos nós aqui debaixo

E para você aí em cima MUITA LUZ E MUITA PAZ!



\*Peilton Sena – membro da Academia Santista de Letras e da ALAPG – Academia de Letras e Artes de Praia Grande/SP

# Afonso Arinos e o buriti perdido

Por Danilo Gomes\*

Como outros treze colegas, tive a oportunidade de participar do II Encontro de Escritores em Arinos, coordenado pelo poeta e prosador Napoleão Valadares, autor de vários livros, entre eles *História de Arinos*.

Durante todo o dia 19 de março último, foi fecundo o evento literário, que contou com o apoio do prefeito Marcílio Almeida. Auditório lotado, numerosos estudantes e professores. Além deste amanuense, foram palestrantes os escritores Edmilson Caminha, Marcelo Perrone Campos e Xiko Mendes. Coube-me falar sobre Afonso Arinos e o sertão.

O nome de Arinos figura na geografia de Minas Gerais desde 30 de dezembro de 1962. O escritor que dá nome à cidade é uma das figuras mais importantes da literatura brasileira. Sua obra foi estudada e aplaudida por grandes críticos literários e historiadores da literatura, como José Veríssimo, Afrânio Coutinho, J. Galante de Sousa, Lúcia Miguel Pereira, Mário de Alencar (filho de José de Alencar), Assis Brasil, Alceu Amoroso Lima, Bernardo Élis e outros.

Nascido em Paracatu, MG, em 1º de maio de 1868, Afonso Arinos de Melo Franco morou com os pais em Pirenópolis, estudou em São João del Rei e em Goiás Velho (então Villa Boa de Goyaz). Formou-se em Direito em São Paulo, onde se casou com Antonieta Prado.

Desde moço, colaborou na imprensa de Minas, Rio e São Paulo. Fez sua primeira viagem à Europa em 1896. Morou na Paris da belle-époque de Marcel Proust. Vinha sempre ao Brasil, em busca do seu amado sertão natal. Deu aulas em Ouro Preto. Era um homem muito culto, de educação refinada, com uma legião de amigos.

Em 1898, suas histórias sertanejas são publicadas no seu livro mais famoso, *Pelo sertão*. Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa escreveram, na sua *Enciclopédia de Literatura Brasileira*:

“Na busca da temática brasileira, ao lado dos ciclos do indiano, do sertanismo, do caboclisto, do cangaço, Afonso Arinos introduziu na ficção o ambiente inóspito e selvático do planalto central. Sua técnica foi a do Realismo, caracterizando-se pela fidelidade e verossimilhança, sem qualquer tendência a estilizar e a fantasiar. Homens, costumes, paisagens do sertão são retratados fotograficamente, com muita segurança e num estilo próprio, destacando-se ainda a reprodução da fala coloquial típica. (...) Em sua obra, é o próprio sertão, é a própria alma sertaneja que se retratam, com a psicologia típica do homem local.”

Mais adiante, prosseguem os autores: “Seu regionalismo é fruto de profunda vivência, acumulada na sua alma desde a infância, num contato com o meio, as matas, as serras, a paisagem, o homem, os costumes. Apesar das viagens, Afonso Arinos manteve as raízes presas ao meio sertanejo nativo e soube ajustar as figuras humanas e as forças naturais. E assim, graças a essa base telúrica, à miragem de todo grande criador, alçou-se com sua obra de contista ao primeiro plano na literatura nacional.”

Além de *Pelo sertão*, Afonso Arinos publicou os livros *Os Jagunços*, *Notas do Dia*, *O Contratador de Diamantes*, *A Unidade da Pátria*, *Lendas e Tradições Brasileiras*, *O Mestre de Campo*, *Histórias e Paisagens*. Resultou inacabado o livro *Ouro! Ouro!*

Homem afável, um cavalheiro leal e impecável, tinha Afonso Arinos, na legião de seus amigos, o poeta e cronista Olavo Bilac. Conviveram em tertúlias de camaradagem no Rio de Janeiro. Durante a ditadura de Floriano Peixoto, Bilac teve de deixar seu Rio para escapar da prisão (como tantos outros). Foi parar em Ouro Preto. A história é contada no livro *Crônicas e novelas – 1893-1894*, publicado pela Editora Liberdade, de Ouro Preto, dirigida pelos professores universitários e escritores M. Francelina Silami Ibrahim Drummond e Arnaldo Fortes Drummond. Esse livro conta com primoroso aparato editorial para as saborosas crônicas e novelas de Olavo Bilac. Quando Afonso Arinos entrou para a Academia Brasileira de Letras, em 1901, quem o recebeu foi Olavo Bilac.

A página mais famosa de Afonso Arinos intitula-se Buriti perdido, que releio com frequência. É um antológico conto, com cara de crônica. O buriti perdido, aquela velha palmeira solitária; uns dizem que situada em Paracatu; outros, como Bernardo Élis, dizem que situada em Corumbá de Goiás.

Afonso Arinos escreveu que esse buriti perdido, “cantor mudo da natureza virgem dos sertões”, estaria, um dia, numa “larga praça”. Palavras proféticas, premonitórias, de um brasileiro que viveria apenas 48 anos. Com efeito, hoje temos na nossa querida Brasília, fundada pelo diamantinense Juscelino Kubitschek de Oliveira, uma Praça do Buriti, onde se situa o Palácio do Buriti, sede do Governo do Distrito Federal.

O amigo escritor Silvestre Gorgulho me conta a história do plantio da palmeira na Praça do Buriti. Silvestre Gorgulho foi secretário de Comunicação do governador José Aparecido de Oliveira, que cuidou do tombamento da emblemática “palmeira solitária” no jardim externo do Palácio do Buriti. Foi no dia 30 de maio de 1985, presente à cerimônia o sobrinho de Afonso Arinos, o também escritor e político Afonso Arinos de Melo Franco Sobrinho, membro da Academia Brasileira de Letras e também da Academia Mineira de Letras, na época do presidente Vivaldi Moreira, pai do escritor Pedro Rogério Moreira.

Assim, aquele buriti que uniu e vinculou mais ainda o sertão à nova capital do Brasil foi, graças a José Aparecido de Oliveira, tombado pelo IPHAN. Estava realizada, em pleno Eixo Monumental de Brasília, a intuição/iluminação profética e poética de Afonso Arinos. Lá está, em sua sóbria e singela beleza, o buriti perdido da encantadora página de Afonso Arinos.

\*Danilo Gomes é membro da Academia Mineira de Letras.

**II ENCONTRO DE ESCRITORES EM ARINOS-MG**

**19 DE MAIO DE 2023 SEXTA-FEIRA NA CÂMARA MUNICIPAL**

**II ENCONTRO DE ESCRITORES EM ARINOS-MG**

**PROGRAMAÇÃO:**

8 H - ABERTURA  
 9 H - PALESTRA DE DANILLO GOMES SOBRE AFONSO ARINOS E O SERTÃO.  
 10 H - PALESTRA DE MARCELO PERRONE CAMPOS SOBRE O ROMANTISMO NO BRASIL.  
 11 H - VISITA AO MUSEU HISTÓRICO DE ARINOS.

14 H - PALESTRA DE XIKO MENDES SOBRE SÃO ROMÃO E PARACATU NA FORMAÇÃO DE MUNICÍPIO DE ARINOS-MG.  
 15:30 H - PALESTRA DE EDMILSON CAMINHA SOBRE A POESIA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE.  
 16:30 H - ENCERRAMENTO

REALIZAÇÃO: SECRETARIA DE CULTURA ARINOS

# J Livros e Autores

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



**A FALECIDA QUE SO CONVIDOU MENTE AMIGOS PARA O A ENTERRO VERDADE DO IRMÃO, A MULHER QUE SONHAVA JOSÉ COM UM BEIJO, PAULO A MÃE CAVALCANTI QUE DECIDIU SÓ MORRER DEPOIS DE ENTERRAR O FILHO E OUTRAS HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS PASSADAS EM UM ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA.**

## SOMENTE A VERDADE

Em *Somente a Verdade* (Ed. Record), José Paulo Cavalcanti relata casos memorialísticos que escapam do convencional. São vinte textos, escritos na terceira pessoa, trocando nomes e situações para evitar identificações. Na introdução, o autor anuncia seu propósito: “Escrevo esse livro para contar histórias. Para deixar registrado um pedaço de mim. Para me sentir vivo, depois de tanto desalento. Para dizer que me anima, no carrossel do destino, sobretudo o que é breve e perto. Para quase tocar céus imprecisos e distantes. Para experimentar, com os

olhos e com o coração, as incertezas do tempo que se esvai. Para celebrar, permanentemente, a gloriosa epifania da existência.”

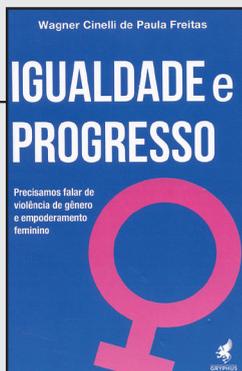
Nascido em 21 de maio de 1948, o acadêmico José Paulo Cavalcanti foi eleito para a ABL em 2022. Advogado no Recife, é consultor da Unesco e do Banco Mundial, ex-ministro da Justiça, membro da Comissão Nacional da Verdade e membro da Academia Pernambucana de Letras.

Como romancista, tem mais de 18 títulos escritos, alguns publicados no exterior. É profundo conhecedor da obra do escritor português Fernando Pessoa. Em 2012, ganhou o prêmio José Ermírio de Moraes pelo livro *Fernando Pessoa – uma quase-autobiografia*. Também conquistou o primeiro lugar na Bienal do Livro e o Prêmio Jabuti, entre outros.

## IGUALDADE E PROGRESSO

*Igualdade e Progresso* (Ed. Gryphus), de Wagner Cinelli de Paula Freitas, é uma coletânea de artigos, quase todos publicados em jornais e sites ao longo de 2022, que nos levam a refletir sobre as muitas dimensões em que a violência doméstica e empoderamento feminino se relacionam. O autor apresenta reflexões sobre questões fundamentais para a compreensão da nossa sociedade. Uma das teses sustentadas ao longo das páginas é a de que mulheres em condições agudas de desigualdade, tais como mulheres negras e pobres, têm mais dificuldade para sair do ambiente violento. De forma clara e firme, com riqueza de dados, o livro aborda uma série de contextos em que essas relações estruturais se manifestam.

Desembargador do Tribunal da Justiça do Estado do Rio de Janeiro, presidente do Fórum Permanente de Pesquisas Acadêmicas – Interlocução do Direito e das Ciências Sociais, Wagner Cinelli de Paula Freitas é ex-diretor da Escola Judiciária Eleitoral do RJ. Mestre em *Criminal Justice Policy* pela LSE (Reino Unido), graduado em Direito (UFRJ) e em Ciências Sociais (UERJ), Cinelli é também compositor, escritor e roteirista. Autor das obras *Espaço Urbano e Criminalidade: Lições da Escola de Chicago* (2002), *Shalom Salam* (2012), *Sobre Ela: Uma história de violência* (2020) e *Metendo a Colher* (2022).



## O DESENHO EXTRAVIADO DE HIERONYMUS BOSCH

Publicado pelo Grupo Editorial Almedina, *O Desenho Extraviado de Hieronymus Bosch*, de Godofredo de Oliveira Neto, acompanha a jornada de Luigi, um solucionador de problemas contratado por uma família, que o enxerga como mestiço, em busca do esboço de um quadro pintado entre 1475 e 1480. Para encontrar o desenho perdido, ele viaja para Nova York, Veneza e Florianópolis, enfrentando seus próprios questionamentos relacionados à sexualidade, identidade racial e crenças pessoais. Sobre Luigi ser um herói em trânsito, o autor destaca a importância da literatura em decifrar movimentos psíquicos e criar um mundo rival para o eterno. A obra de Godofredo de Oliveira Neto trata de questões ligadas à identidade racial, sexualidade e preconceitos pessoais do protagonista. O livro *O Desenho Extraviado de Hieronymus Bosch* é uma história envolvente que prende a atenção do leitor em uma viagem emocional e pessoal de Luigi.

Nascido em Blumenau, em 22 de maio de 1951, Godofredo de Oliveira Neto é membro da Academia Brasileira de Letras desde 2022. Formado em Letras e Altos Estudos Internacionais pela Sorbonne, atua, como docente, na Universidade Federal do Rio de Janeiro desde 1980. É autor de vários livros referenciais, entre eles, *O Bruxo do Contestado*.



## DORES REVELADAS

*Dores Reveladas – Memórias do Holocausto em laudos psiquiátricos realizados no Brasil* (Ed. Talu Cultural) foi organizado por Danielle Goldrajch e Sérgio Niskier, que, junto com Talvane de Moraes, um dos mais renomados psiquiatras forenses do país, reuniram fichas cadastrais de pacientes sobreviventes do Holocausto, muitas décadas após a realização das entrevistas. Escrito em terceira pessoa, narrado pelos “fantasmas que se apoderaram das mentes dos sobreviventes a um importante psiquiatra brasileiro”, o livro reúne documentos históricos de perícias médicas. Os laudos feitos pelo psiquiatra Oswald Moraes Andrade foram usados em processos indenizatórios de sobreviventes e ficaram guardados por mais de 60 anos com o membro da Comissão de Criminologia do IAB e psiquiatra forense Talvane de Moraes. No prefácio, o escritor e jornalista Bruno Thys enfatiza o valor da publicação: “O valor do conteúdo se estende para além do campo da psiquiatria: são feridas na alma que não só cicatrizam, como sangram sempre que se tenta negar o que a história se encarrega ainda hoje – tantos anos depois do fim da guerra – de documentar.” Danielle Goldrajch é mestre em Psicologia e analista judiciária na especialidade de psicóloga no TJR. Sérgio Niskier é engenheiro civil e de segurança e professor universitário e de MBA.

Os laudos feitos pelo psiquiatra Oswald Moraes Andrade foram usados em processos indenizatórios de sobreviventes e ficaram guardados por mais de 60 anos com o membro da Comissão de Criminologia do IAB e psiquiatra forense Talvane de Moraes. No prefácio, o escritor e jornalista Bruno Thys enfatiza o valor da publicação: “O valor do conteúdo se estende para além do campo da psiquiatria: são feridas na alma que não só cicatrizam, como sangram sempre que se tenta negar o que a história se encarrega ainda hoje – tantos anos depois do fim da guerra – de documentar.” Danielle Goldrajch é mestre em Psicologia e analista judiciária na especialidade de psicóloga no TJR. Sérgio Niskier é engenheiro civil e de segurança e professor universitário e de MBA.



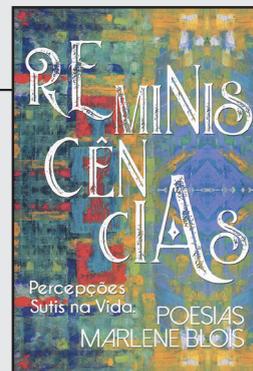
## JARDINS TERAPÊUTICOS EM INSTITUIÇÕES DE SAÚDE

*Jardins Terapêuticos em Instituições de Saúde: Benefícios, características e implementação*, de Carla Pimentel, publicado pelo selo Gôndola da Editora Lacre, é um livro-guia indispensável não só para paisagistas, como também para leitores de diferentes áreas de conhecimento interessados em saúde e natureza. Em caprichada edição de capa dura, com prefácio da Dra. Eliseth Leão, pesquisadora do Hospital Israelita Albert Einstein, a obra é o resultado de inesgotáveis pesquisas da autora ao longo de sua trajetória. Psicóloga, paisagista e cientista da Sustentabilidade, a mineira Carla Pimentel é sócia e CEO da CP Paisagismo, com projetos assinados em vários estados do país. Com mestrado em Ciência da Sustentabilidade pela PUC-Rio, os últimos estudos e as grandes pesquisas sobre o tema levaram Carla Pimentel a definir um nicho de forma mais profunda, gerando o livro-guia *Jardins Terapêuticos em Instituições de Saúde: Benefícios, características e implementação*, que servirá como referência para arquitetos, paisagistas e profissionais da saúde. Mineira de Itaúna, atualmente morando no Rio de Janeiro, Carla Pimentel é formada em Psicologia e Paisagismo, duplamente pós-graduada (em Planejamento e Gestão Ambiental e em Planejamento Ambiental Urbano) e mestre em Ciência da Sustentabilidade. Entre outras atividades, foi secretária de Urbanismo e Meio Ambiente de Itaúna, (MG).



## REMINISCÊNCIAS

Terceiro livro de poesia de Marlene Montezi Blois, *Reminiscências – Percepções sutis na vida* (Ed. Uiclap, 2023) reúne 50 poemas e 6 quadras escritos em tom de desabafo, refletindo a profundidade lírica de quem elege a arte como libelo de superação. Apesar da dor profunda, que expõe sentimentos humanos universais, as palavras surgem como potência para demonstrar a incrível maturidade lírica da autora. No prefácio, a professora de literatura Maria Idina Montillo dá o tom do que iremos encontrar: “Os poemas transcendem a dor pessoal, brotam de um fazer poético criativo, inovador, que transforma em palavras os sentimentos mais profundos do que foi um ano para esquecer.” Na contracapa, o aval de três acadêmicos da ABL. Arnaldo Niskier afirma: “Marlene tornou-se poeta de rara sensibilidade, o que já havia demonstrado quando enveredou, com brilho também, pelos caminhos da pintura.” O poeta Carlos Nejar endossa: “Se procurarmos sua pintura, encontramos poesia, e se procuramos poesia, encontramos pintura.” O professor Antonio Carlos Secchin também elogia: “Tive a chance de conhecer seu trabalho poético, e nele encontrei o mesmo entusiasmo, empenho e autenticidade que Marlene imprime em tudo que faz.” Graduada em Português-Literatura, mestra em Tecnologia Educacional e Livre Docente em Comunicação Social, artista plástica com formação na EAV/Parque Lage, tem obras em diversos países e publicou vários livros.



# A arte de escrever um grande romance

Por Ronaldo Cagiano\*

A leitura de *A arte de Driblar Destinos*, de Celso Costa, recém-lançado em Portugal e obra vencedora o Prémio LeYa 2022, conduziu-me a fazer uma analogia com o que defendeu Vladimir Maiakovski a respeito da criação poética, e considero perfeitamente aplicável à prosa do autor: “Eu/ à poesia/ só permito uma forma:/ concisão,/ precisão das fórmulas/ matemáticas.”

Não há como desvincular o espectro do romance a esse enunciado, até mesmo por conta de uma coincidência que remete à confecção do texto dentro de parâmetros em que a clareza e a objetividade são imprescindíveis, tal qual nas ciências exatas: estamos diante de um autor que é matemático, exercendo seu ofício na UFF (Rio de Janeiro), com mestrado e doutorado e passagens por universidades internacionais como Chambéry e Grenoble e investigador científico dos mistérios das equações.

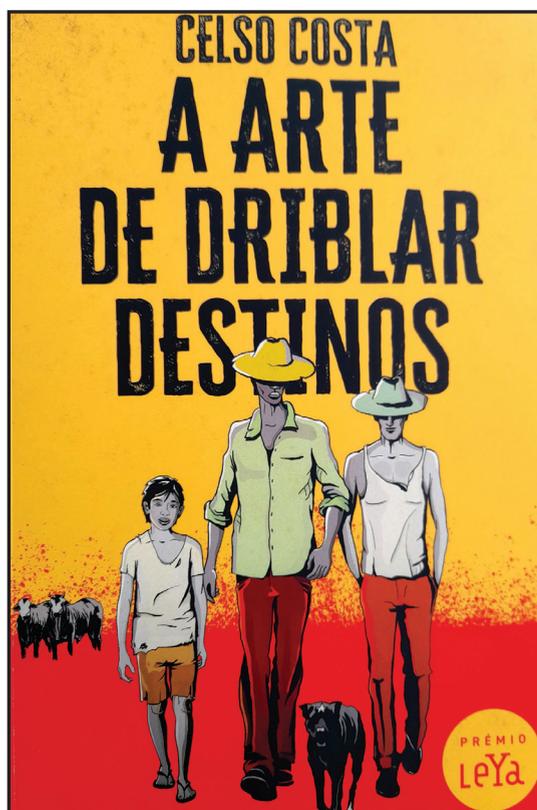
Sendo seu segundo livro, que se seguiu à sua estreia em *A Vida Misteriosa dos Matemáticos* (Ed. Kazuá, SP, 2018), *A Arte de Driblar Destinos* registra a sua incursão pelo território ficcional com pé direito e habilidade de veterano, chancelado por um prestigiado prêmio internacional, o que, sem dúvida, vai catapultá-lo a novos horizontes e perspectivas editoriais. Nesse sentido, ao homologar a premiação, o júri foi unânime em reconhecer uma voz particularíssima que, ao percorrer uma saga familiar, “reflete muito bem; com ritmo e vivacidade; o mundo social do interior do Brasil”.

Contar uma história é a atividade mais generosa que um homem pode exercer, já o disse Eça de Queiroz, no entanto, o saber contá-la – seja uma história banal e corriqueira ou uma fábula em que a polifonia de vozes ou a densidade temática se insinuam no enredo – é o que realmente importa na perspectiva estética que toda obra deve contemplar, o privilégio da linguagem, pois só ela inscreve o texto no estatuto das grandes narrativas, hierarquizando a experiência criativa de um escritor.

Celso Costa assumiu com inegável perícia essa consciência de não apenas contar uma história, a qual, à moda dos “causos”, há em abundância numa literatura requentada e muito em voga, mas ultrapassou a fronteira do que comumente se configura como mera crônica da vida de pessoas e lugares, para inserir-se verdadeiramente numa outra e elevada categoria, a de um *bildungsroman*, o romance de formação. Não somente porque enveredou-se por criar uma trama que acompanha os processos de crescimento, amadurecimento físico, moral e psicológico de um personagem, mas por emprestar à sua escrita o amálgama essencial e harmônico entre forma e conteúdo, estruturando-a sob o influxo de uma carga poética e procedimentos metafóricos que a enriquecem e envolvem o leitor.

Pelo olhar percuciente, clínico e reflexivo de um menino, o percurso de uma família no interior do Paraná vai sendo esmiuçado, mergulhando em sua trajetória de percalços, na exumação de um passado, cujos acontecimentos vão marcar a vida de cada um, ao mesmo tempo em que funciona como gatilho para que esse protagonista mirim, com seu precoce senso reflexivo, construa sua própria sobrevivência em meio a instabilidade funcional e econômica e aos períodos de caos e vacas magras, uma constante em sua casa, atravessando-os na boleia de seu sonho de ser professor e emulando intimamente sua arte de driblar aquele destino imposto pelas circunstâncias domésticas e as contingências sociais.

Ao passo que se penetra no vórtice da história que, ao fim e ao cabo, consiste num caleidoscópio de situações que vão se enfeixando, nos moldes de *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, o autor forma um imenso painel de um outro sertão, porém mais emocional e psicológico que o territorial e agreste castigado pela natureza daqueles viventes premidos pela estiagem nordestina. É que o espaço que projeta está inserido numa realidade em que



pesam mais os confrontos com distintas tensões e questões ligadas ao trabalho rural, à realização social num mundo mais urbanizado e que projeta ambições de ascensão, às relações afetivas conturbadas por perdas e dilemas, ao acesso à educação e às perspectivas de uma cultura e de uma economia que fornecem outros modelos de sobrevivência e convívio.

A fluência e cristalinidade da prosa de Celso Costa vêm acompanhada de uma rara empatia com aquilo que afeta o individual e o coletivo, ao capturar os cenários, descrever não apenas detalhes e objetos, mas os sentimentos e as sensações que estão retidos num certo e simbólico imaginário, quando o real e o onírio, a memória e a invenção, fundem-se em rara e plástica simbiose. Algo que só é possível trabalhar literariamente quando se tem não apenas o seguro domínio dos artifícios da linguagem e manejo dos recursos que permitem comunicá-la com eficácia, mas quando autor e personagens, narrador e protagonistas, são flechados pela mesma cumplicidade com o universo e a atmosfera repletos de referenciais, como é o caso desse autor que os aborda com intensidade poética e com a destreza de quem conhece a fundo o seu ofício e a alma do lugar e de seus habitantes, extraindo-lhe o que há de mais universal e humano.

Celso Costa construiu uma obra pungente e de fôlego, porém delicada e comovente, emoldurada por um estilo sutil que bebe na fonte dos grandes estilistas da língua portuguesa, realizando plenamente o que prescreveu Juan José Saer em *Cicatrizes*: “há três coisas que têm realidade na literatura: a consciência, a linguagem e a forma. A literatura dá forma, através da linguagem, a momentos particulares da consciência. É tudo. A única forma possível é a narração, porque a substância da consciência é o tempo.”

## EXCERTO:

“Ao escutar aquilo senti um solavanco por dentro, meu destino sendo decidido. Eu não queria mudar. Não queria perder meus amigos, viver longe do Barril e da turminha. Eu adorava a escola, levava para casa uns livros coloridos da biblioteca, e minha rapidez nas contas de cabeça, quando respondia até sobre divisão com dois números na chave, tinha sido elogiada pela professora. Ser um futuro professor era uma das coisas que já me surgia como destino e adulto, tinha desistido de ser chofer de caminhão.”

\*Ronaldo Cagiano é escritor brasileiro, vive em Portugal.

# O Ensino Médio: A minha opinião

Por Roberto Boclin\*

Os últimos dez anos apresentaram mudanças profundas que incluem transformações na vida social e no trabalho enquanto muito pouco ou quase nada mudou na educação.

O Ensino Médio brasileiro, sem nenhuma identificação com o seu entorno social, não corresponde em qualidade e quantidade às expectativas dos alunos e do mercado de trabalho.

Trata-se de uma proposta educacional sem atrativos e sem qualquer terminalidade, até mesmo aquela que por algum tempo a conduziu como processo de preparação para os vestibulares, hoje completamente defasados da realidade do acesso às instituições privadas de ensino superior.

Que medidas precisam ser adotadas para adequar os programas de formação de competências no Ensino Médio com as necessidades de preparação para o trabalho? Que etapas devem ser vencidas na construção da passarela que unirá a Educação Básica e Profissional ao mundo competitivo do trabalho?

Os recursos humanos se deparam, por seu turno, com exigências mais rigorosas de desempenho, tanto quanto à sua produtividade como quanto à qualidade decorrente dos parâmetros de competitividade.

Na medida em que as profissões técnicas conquistem o seu espaço e o número expressivo de matrículas e conclusões aponta para uma perspectiva de crescimento favorável, o Ensino Médio encontrará uma razão melhor do que a atual quando exerce uma função intermediária sem objetividade entre o Ensino Fundamental e o desgastado Ensino Superior.

Algumas considerações podem ser introduzidas como contribuição isolada ao tema da educação profissional, embora longe de se constituírem em indicações mais profundas.

Os custos da educação técnica são elevados em algumas áreas, tais como a saúde, a automação, a ambiental, as telecomunicações, por demandarem investimentos elevados em instalações e laboratórios, na sua manutenção e atualização, na contratação de um corpo docente especializado e que encontra remuneração atraente em outras áreas do mercado de trabalho, enfim cursos que devem ser da alçada de instituições públicas e sérias.

Outras áreas tornam-se muito pouco atraentes, para as instituições de ensino técnico, pelo elevado investimento que demandam, como foi dito, e por ser um mercado relativamente restrito, porém importante como os técnicos em manutenção de aeronaves, os técnicos em atividades das usinas nucleares, na geração de energia elétrica, na bioquímica, nos fármacos, etc.

Nos casos citados, as associações de instituições de educação técnica e empresas surgem aparentemente como possibilidades viabilizadoras da oferta destes cursos.

Da mesma forma que vem sendo tratada no ensino superior, o exame da concessão de bolsas de estudo, para alguns cursos técnicos estratégicos, poderia ser cogitado pelo Estado.

Uma carência identificada reside na formação de professores para a educação técnica, uma vez que a legislação ainda não esclareceu em nível nacional o aproveitamento de profissionais não licenciados das áreas da saúde, tecnológica e outras como docentes. Será necessário rever as normas e ampliar a oferta de programas de aperfeiçoamento e especialização de tais profissionais. Também não ficou clara a norma federal que conduz ao treinamento em serviço para a formação de docentes das áreas citadas.

Há necessidade de que se promovam estudos e pesquisas que conduzam a Matrizes de Necessidades de Formação de Técnicos no Estado principalmente nas áreas altamente especializadas da Petroquímica, da Siderurgia, da Construção Naval, das Montadoras de Veículos Automotivos, nas Usinas de Geração Elétrica, etc.

A educação pública, em particular o Ensino Médio, merece uma reflexão mais aplicada e uma reformulação de métodos e processos que garantam uma gestão adequada às imposições da modernidade, rasgando os manuais de uma burocracia esgotada e inadequada diante das realidades desafiadoras dos dias atuais e corrijam o quadro negro de um desempenho incompatível com os mais modestos parâmetros de qualidade e de eficiência.

A odisseia educacional exige medidas que acompanhem o pro-

gresso das telecomunicações e da informática, que favoreçam a inserção no mercado de trabalho, que reduzam as desigualdades sociais, que respeitem o conceito de cidadania, que façam do trabalho um direito festivo e, não, um castigo.

Uma das grandes questões da atualidade reside na construção de um mercado de trabalho capaz de absorver os numerosos contingentes populacionais por níveis de qualificação em busca de emprego.

Não existem mais dúvidas de que o progresso científico e tecnológico e o conseqüente desenvolvimento tecnológico das nações não mantêm correlação com o crescimento do emprego e, ao contrário, demandam um menor número de trabalhadores e com maior qualificação e conhecimento.

No Brasil, as variáveis se tornam mais complexas quando colocadas diante dos indicadores do desemprego e do subemprego que, segundo estatísticas imprecisas, ultrapassam 20 milhões de trabalhadores.

Por outro lado, é conhecido o despreparo educacional da força de trabalho brasileira, com deficiências alarmantes de escolarização.

O quadro se completa quando associamos conjunturas desfavoráveis e planos recessivos como os atuais, que geram profunda instabilidade no mercado de trabalho e uma estrutura frágil e ineficiente de proteção ao trabalhador desempregado.

Percebe-se que o desafio brasileiro passa por duas vertentes: educação e trabalho, e, em ambas, as presenças da escola e da empresa.

De um lado, o setor moderno da economia, demandando profissionais de elevada qualificação, técnicos de nível médio, engenheiros, pesquisadores e operários altamente qualificados em números relativamente reduzidos, cerca de 20% do contingente empregado, quando comparados com os elevados padrões de produção de alta competitividade e de exigências qualitativas dos operários qualificados e dos semiqualificados, que representam cerca de 60% da mão de obra ocupada.

O debate sobre o futuro do Ensino Médio e suas dificuldades na educação do nosso Estado têm sido tarefa comum nos tempos recentes e com posicionamentos nem sempre consensuais.

É verdade que vem mal, muito mal há muitos anos e pouco tem sido feito para de algum modo melhorar o seu desempenho.

A absoluta falta de objetivos com que é tratado justificaria um trabalho sério de Planejamento Estratégico para definir a sua Missão, Vocação, Pontos Fortes e Fracos, Prioridades, etc. e apontar um programa de recuperação total de suas ações.

Outra questão, relaciona-se com escolas compartilhadas com o Ensino Fundamental de responsabilidade dos Municípios, o que é absolutamente incompatível com os atributos da escola de nível médio e com as diferenças metodológicas e de propósitos de ambas as modalidades.

Não tenho receio em afirmar que o ensino público de nível fundamental e médio tem sido importante parceiro, por omissão, da delinquência, da falta de oportunidades de emprego, ao lado dos fracassos dos programas habitacionais, da saúde pública e do saneamento básico.

Foi e é instrumento hábil de promoção da pobreza e da miséria.

Como é triste o quadro da educação pública no Brasil e como são tristes os professores abnegados tentando ensinar a tristes alunos. Uma escola pública não pode funcionar por apenas três horas diárias, pois é ridículo imaginar um processo educativo "fast food". Educar exige tempo, convivência, participação, solidariedade, ensaio e erros.

A sociedade democrática baseia-se na formação de um conjunto social heterogêneo com diversidades marcantes, em que o todo predomina sobre o individual, enquanto despoticamente a maioria prevalece.

Na educação, a democracia pede respeito às diferenças individuais, ao reconhecimento das inteligências múltiplas, a uma avaliação em que predomine a negociação e não há uma mensuração superada e anacrônica.

Uma proposta que atenda com realidade as funções do Ensino Médio poderia ser um ensino preparatório voltado para três vertentes: o Ensino Superior, com disciplinas específicas; o Ensino Técnico, da mesma forma (disciplinas próprias); e o Ensino Profissional, idem.

As três vertentes deveriam ser hierarquicamente equivalentes em seus diferentes destinos profissionais no mercado de trabalho. Cada uma das vertentes demanda um Ensino Médio adequado à sua proposta e aos seus objetivos.

Um engenheiro, um técnico e inclusive um operário qualificado precisam de um Ensino Médio compatível com o conteúdo de sua formação.

O Ensino Técnico foi denominado por Dom Lourenço de Almeida Prado, notável educador beneditino, de *O Atelier das Mãos*, com a propriedade de quem conhece o que recomendava Gustavo Capanema, ou seja, a sua autonomia pedagógica e a condição de equivalência ao Ensino Médio.

\*Roberto Boclin é doutor em Educação – UFRJ e membro da Academia Brasileira de Educação.

# 80 anos do Pequeno Príncipe

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

Uma das obras literárias mais traduzidas no mundo (publicada em 340 idiomas e dialetos) e um dos livros mais vendidos do planeta, *O Pequeno Príncipe*, do francês Antoine de Saint-Exupéry, completou 80 anos de sua primeira publicação.

Com o título original de *Le Petit Prince*, a novela foi, originalmente, publicada em abril de 1943, nos Estados Unidos, com ilustrações do próprio autor. Desde então, vem despertando encantamento em gerações de leitores – grandes e pequenos – que se fascinam com a filosófica fantasia infantil do personagem principal. Uns aprendem como é ser adulto. Outros relembram o que é ser criança. Todos se encantam.

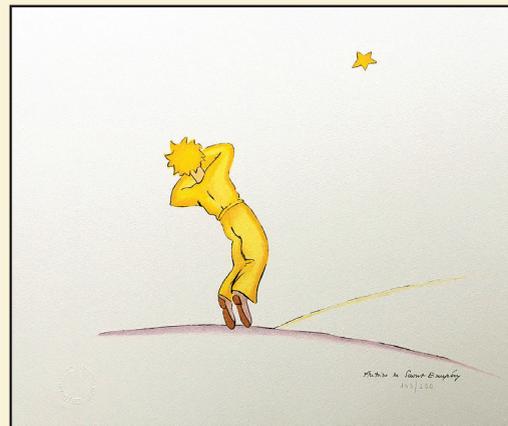
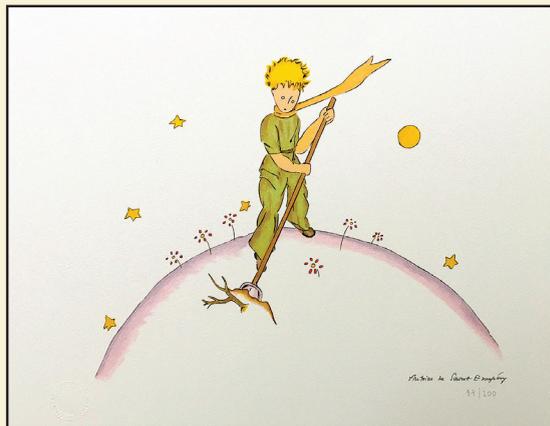
O autor usou suas experiências pessoais de aviação, passadas no deserto do Saara, como base para sua história de solidão, amizade, amor e perda. Em abril de 1943, o francês Saint-Exupéry, que vivia na América do Norte desde o início da Segunda Guerra, deixou os Estados Unidos para combater as tropas nazistas. Seus manuscritos ficaram com a companheira, a jornalista Sylvia Hamilton, que vendeu os originais à Morgan Library & Museum, em Nova Iorque.

Quando, três anos mais tarde, saiu a edição francesa de *Le Petit Prince*, o hoje celebrado autor não estava mais lá para conferir o estrondoso sucesso em seu país de origem. Em 1944, partira em missão, na Guerra, e nunca mais retornou. Imortalizou-se, no entanto, através de sua obra.

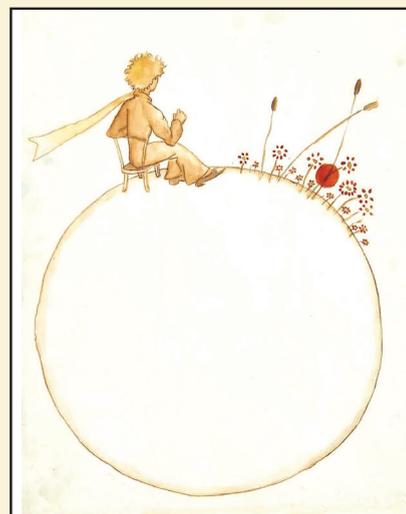
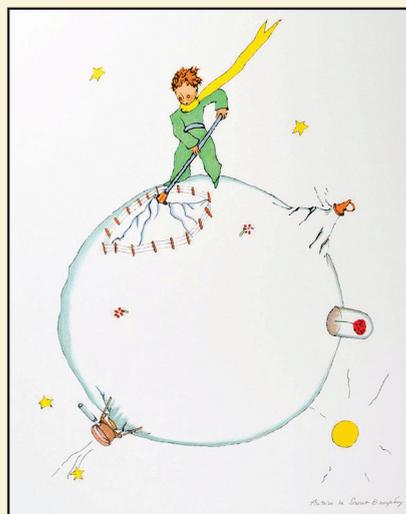
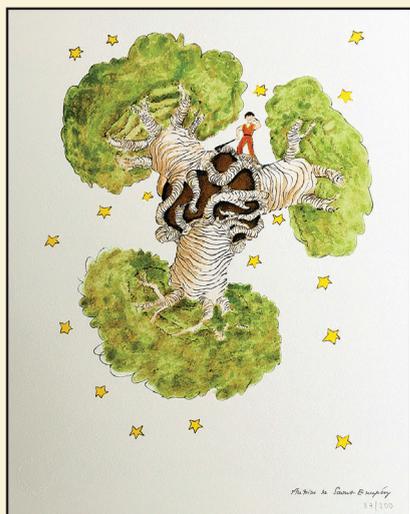
O Morgan Library & Museum montou três exposições do manuscrito original. A primeira, em 1994, no aniversário de 50 anos da publicação da história, sendo seguido pela celebração do centenário do nascimento do autor, em 2000, e a última e maior exibição, em 2014, honrando o 70º aniversário do livro. O manuscrito foi exibido pela primeira vez, em Paris, numa mostra dedicada ao seu criador no Museu de Artes Decorativas Parisiense, em 2022.

No Japão, há um museu, em Hakone, dedicado ao personagem principal do livro. No Brasil, em Florianópolis, a Avenida Pequeno Príncipe leva o nome da obra, numa homenagem a quem passou pela cidade durante a carreira de aviator – e cuja presença se tornou parte da cultura local.

Ilustrações de  
*O Pequeno Príncipe*.



“no ar” que o carneiro poderia comer a sua flor...



## ENREDO

Não se trata de uma história infantil. As questões abordadas por Sain-Exupéry são grandiosas, remetendo-nos a uma lembrança do nosso lado infantil.

A história começa com o narrador descrevendo suas recordações. Aos 6 anos de idade, fez um desenho de uma jiboia que havia engolido um elefante. Quando perguntava o que os adultos viam em seu desenho, todos eles achavam que o garoto havia desenhado um chapéu. Ao corrigir as pessoas sobre seu desenho, era sempre respondido que precisava de um hobby mais maduro. O narrador, então, lamenta a falta de criatividade demonstrada pelos adultos.

Decepcionado com as reações, ele desiste da carreira de “desenhista”, e se torna aviator. Durante um voo, ocorre uma pane em seu avião, no deserto do Saara. Ao acordar, depois do acidente, se depara com um menino (descrito como tendo cabelos de ouro e um cachecol amarelo), que lhe pede para desenhar uma ovelha. O narrador, então, mostra-lhe o seu antigo desenho (do elefante dentro de uma jiboia). Para sua surpresa, o menino interpreta-o corretamente (apesar de estar insatisfeito, pois ainda queria o desenho de um carneiro).

O aviator descobre que o menino vive no “asteroide B-612” (um planeta minúsculo), no qual há apenas uma rosa que fala com ele. O autor conta, então, um pouco da história dele, e de como o príncipezinho foi parar no Deserto do Saara. A flor e o Pequeno Príncipe não se dão bem, ela é exigente. Ele decide partir numa viagem em que pesquisa sete planetas. A última estação é a Terra, onde encontra o aviator (que fez um pouso forçado no deserto).

No último capítulo, a mensagem chega repleta de novas reflexões, que dariam muitos outros livros: o aviator, finalmente, desenha o carneiro que o príncipezinho tanto queria... mas deixa

## MEMÓRIA

Em *Le Petit Prince*, o narrador fala sobre ter ficado preso num deserto, após seu avião ter caído. Essa situação foi baseada num incidente com o próprio Saint-Exupéry, no deserto do Saara, descrito com detalhes em seu livro de memórias *Terre des hommes*, em 1939 (“Em 30 de dezembro de 1935, às 02h45, depois de 19 horas e 44 minutos no ar, Saint-Exupéry e seu copiloto André Prévot caíram no deserto do Saara”).

O *Pequeno Príncipe* retoma o esquema do conto filosófico criado por Voltaire. Especificamente, guarda semelhanças com Micrômegas – um gigante de Sirius que decide aventurar-se pelo Universo, visita o Sistema Solar e vem parar na Terra, discutindo filosofia com os seres humanos. Também o príncipezinho visita vários asteroides/planetas e discute filosofia.

## SABEDORIA

A narrativa transborda sabedoria. A profundidade filosófica que encontramos, despojadamente, em suas páginas é a força que deu a dimensão exponencial da obra, ao longo de décadas, com mais de três centenas de milhão de cópias vendidas pelo mundo.

Sua parábola debate, entre outras questões, a perda da inocência e fantasia ao longo dos anos, conforme as pessoas vão crescendo e abandonando a infância. Aborda, em várias partes, o valor de todas as coisas. Ao lado das considerações sobre amor, amizade e morte, faz também uma crítica social.

**“O essencial é invisível aos olhos, e só se pode ver com o coração.”**

Através desta afirmação, fica o registro de que o verdadeiro valor de algo ou de alguém não pode ser visto com uma visão superficial. Para conhecer o que é essencial é preciso um olhar mais profundo, que ultrapassa a superficialidade, sem preconceito.

**“Foi o tempo que dedicaste à tua rosa que a fez tão importante.”**

Esta frase descreve o laço afetivo existente entre o Pequeno Príncipe e a Rosa. O que torna as coisas ou pessoas importantes é o tempo que nós dedicamos a elas.

**“Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde às três eu começarei a ser feliz.”**

Entre pessoas que gostam uma da outra, existe esse sentimento de antecipação quando se sabe que vai haver um encontro.

**“As pessoas são solitárias porque constroem muros em vez de pontes.”**

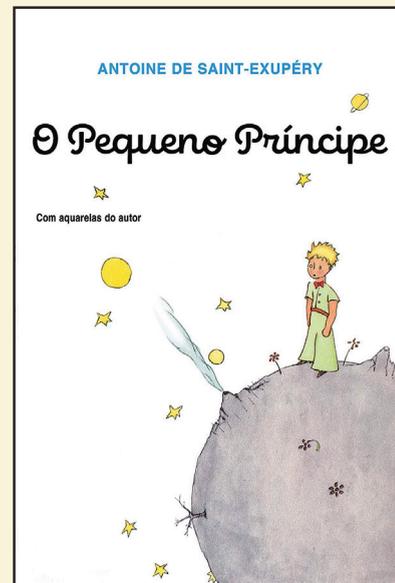
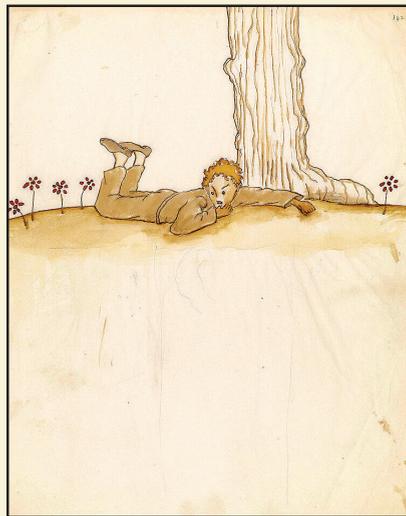
As duas estruturas (muros e pontes) servem para designar atitudes no contexto da interação social. Os muros servem para criar uma separação entre dois lugares, enquanto as pontes têm a função oposta, ou seja, são construídas para conectar. Assim, quem é solitário se afasta das outras pessoas, construindo muros e não pontes.

**“É loucura odiar todas as rosas porque uma te espetou.”**

Esta frase revela o perigo e a insensatez de generalizar, julgar e avaliar uma pessoa por alguma coisa que aconteceu no passado. Isso também pode ser aplicado ao tópico da discriminação e preconceito racial. Só porque alguém foi magoado por uma pessoa de uma determinada classe, raça, gênero ou grupo social, não significa que todas as pessoas são iguais.

**“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.”**

O fenômeno de “cativar” algo ou alguém é amplamente abordado no livro. Esta frase explica que, quando é formado um relacionamento (seja ele amoroso ou de amizade), as pessoas se cativam e, ao cativar, são responsáveis por ela. Isso significa que o amor ou amizade exigem responsabilidade. O Pequeno Príncipe cativou a rosa e, por esse motivo, tornou-se responsável por ela, dando resposta aos seus desejos e caprichos.



O *Pequeno Príncipe* foi publicado em 340 idiomas.



## O AUTOR

A carreira de piloto de Antoine de Saint-Exupéry, nascido numa família nobre de Lyon em 29 de junho de 1900, começou com voos sobre Paris, para turistas. Na década de 1920, ele trabalhou sucessivamente em Toulouse, Casablanca e Dacar, e assumiu a chefia do aeroporto do então Protetorado Espanhol em Marrocos, onde salvou diversos colegas forçados a pousar no deserto.

Mais tarde, transferiu-se para a Argentina, onde atuou como correio aéreo noturno. Em suas repetidas tentativas de estabelecer recordes de voo, sobreviveu a duas quedas: entre Paris e Saigon, e entre Nova York e a Terra do Fogo. Quando a Segunda Guerra começou, em 1939, foi recrutado e presenciou a blitz aérea das Forças Aéreas alemãs no nordeste da França.

Paralelamente à carreira de aviação, Saint-Exupéry escreveu livros muito apreciados, entre eles, livros como *O Aviador* (1926), *Correio do Sul* (1929) e *Voo Noturno* (1931). Porém, mesmo sendo laureado com prêmios literários, ele se considerava, em primeiro lugar, um piloto de carreira, e escritor amador.

O *Pequeno Príncipe* foi um dos seus últimos trabalhos. Ele faleceu em julho de 1944, aos 44 anos, quando seu avião foi abatido por um caça alemão. Ele fez questão de lutar pela libertação da França. Morreu com a mesma coerência que teve em vida.



Antoine de Saint-Exupéry nasceu em Lyon no ano de 1900.

# Corações aquecidos

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: [amor.anna2014@gmail.com](mailto:amor.anna2014@gmail.com)

O calor das fogueiras aqueceu os corações que aguardavam novos encontros, comemorações, lançamentos. O simples pretexto de estar junto motivou para a reconquista de afetos e espaços.

Roger Mello, com o talento e o carinho de sempre, reuniu amigos na livraria Argumento, no Leblon, para o lançamento de *Espinho de Arraia* (Global), escrito e ilustrado por ele. A sensibilidade do autor nos faz refletir sobre a fauna e a flora amazônica, que explodem em cores e emoções nas páginas do livro. *Meninos do Mangue* (outra obra de Roger Mello, Companhia das Letrinhas) e *Capitães da Areia* (Jorge Amado, Companhia das Letras) se unem a *Espinho de Arraia* na saga de meninos e jovens abandonados ou com vidas sofridas que encontram no próprio caminhar soluções e força. A arte predomina na diagramação diferente, na exuberância das ilustrações, nas metáforas e simbologias. Não precisa ir além: é um Roger Mello!



Lucía Savaget, Roger Mello, Cris Alhadeff e Alexandre de Castro Gomes na confraternização de autores e ilustradores no lançamento de *Espinho de Arraia*.

Anna Rennhack, e Roger Mello e as ilustrações impactantes de *Espinho de Arraia*.



Mais uma comemoração!

Celso Sisto, que agora mora na serra, no Rio de Janeiro, desceu do seu pedacinho de paraíso para festejar o aniversário em grande estilo, cercado por amigos queridos de ontem e de hoje.

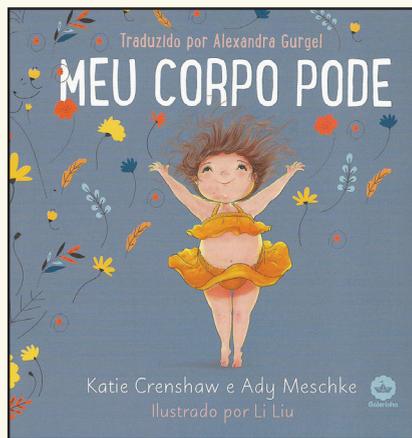
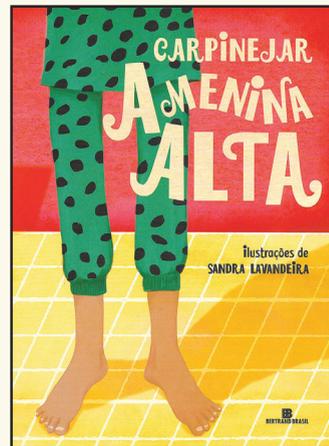


Celso Sisto e Anna Rennhack, comemoração dupla, o aniversário do autor e o sucesso de *Kalinda: a princesa que perdeu os cabelos e outras histórias africanas* (Escarlate)!



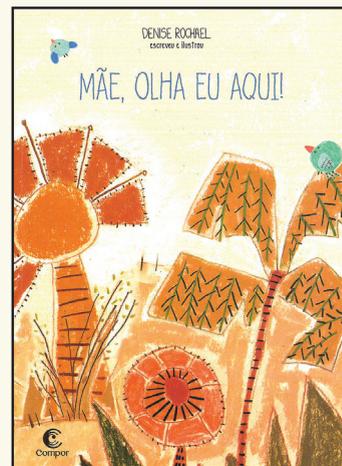
Para aproveitar essa vibração de alegria e positividade, selecionamos três histórias de superação e autoestima:

*A Menina Alta* – Carpinejar escreveu e Sandra Lavandeira ilustrou (Bertran Brasil) – Letícia passou por muitas dificuldades na infância e adolescência por ser muito alta. Apelidos, piadas e problemas de socialização aumentavam a tristeza da menina. E ela resolveu cantar para contar o que a afligia. Será que deu certo?

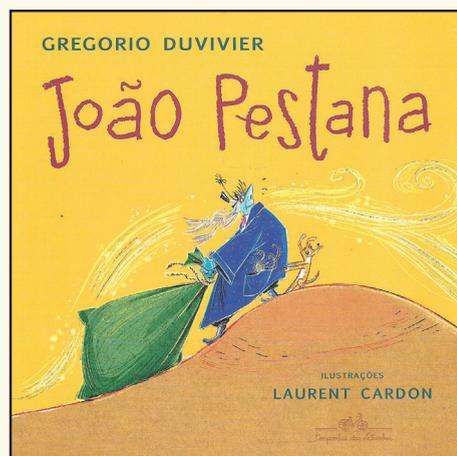


*Meu Corpo Pode* – Texto de Katie Crenshaw e Ady Meschke, ilustrações de Li Liu e tradução de Alexandra Gurgel (Galerinha Record) – Um corpo é considerado lindo não pelo que reflete no espelho, mas pelo que somos capazes de fazer com ele. Imagens divertidas apresentam uma menina em inúmeras atividades. Ela não se importa com a própria aparência ou com as palavras indelicadas de colegas. Seu corpo é como é, e ela é feliz!

*Mãe, Olha Eu Aqui!* – Denise Rochael escreveu e ilustrou (Compor) – Os tempos atuais apresentam uma situação inusitada – os filhos não querem deixar a casa dos pais. Talvez por se sentirem seguros, talvez como consequência da pandemia, talvez pela falta de trabalho... Talvez por medo de andar com as próprias pernas e assumir desafios. Este foi o meu pensamento com esse livro tão delicado. Enfrentar as dificuldades e o inesperado não é fácil. Quem sabe não estamos precisando de um empurrãozinho?



E vamos concluir com uma novidade! Gregório Duvivier, escritor, ator, humorista conhecido por sua atuação no Porta dos Fundos, escreveu seu primeiro livro infantil com a lembrança da história que sua mãe contava para ele dormir.



*João Pestana* – (ilustrado por Laurent Cardon, Companhia das Letrinhas) é um gigante bem pequenininho, oriundo da mitologia portuguesa, que carrega em um saco todos os silêncios do mundo, que vai recolhendo em sua caminhada. Aonde ele quer chegar? Será que vai conseguir?

# BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



## DANTAS BARRETO

Emídio Dantas Barreto, Marechal-de-exército, historiador militar, jornalista, romancista e teatrólogo, nasceu em Bom

Conselho, PE, em 22 de março de 1850, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 8 de março de 1931. Com apenas quinze anos de idade, alistou-se como voluntário na campanha do Paraguai, onde foi condecorado por sua atuação. Em 1868, foi promovido a oficial. Após o término da guerra, voltou ao Brasil e fez o curso de artilharia na Escola Militar do Rio de Janeiro. Tomou parte na campanha de Canudos, tendo sido seus esforços coroados com a promoção a Coronel. Em 1910, foi promovido a General-de-divisão. Foi ministro da Guerra de Hermes da Fonseca. Demitiu-se para assumir o governo de Pernambuco (1911-1915), sendo mais tarde eleito senador por esse Estado (1916-1918). Reformou-se como Marechal-de-exército em 1918. Além da carreira militar e política, Dantas Barreto redigiu obras científicas, estudos militares e romances históricos, deixando extensas informações sobre campanhas militares do seu período. Dantas Barreto tornou-se conhecido por suas atividades de cronista, romancista e autor teatral. Colaborou na *Revista Americana* do Rio de Janeiro e no *Jornal do Comércio* de Porto Alegre. Segundo ocupante da cadeira 27, foi eleito em 10 de setembro de 1910, na sucessão de Joaquim Nabuco, e recebido pelo acadêmico Carlos de Laet em 7 de janeiro de 1911. A sessão de posse realizou-se no Palácio Monroe.

acervo JL



## LUÍS EDMUNDO

Luís Edmundo de Melo Pereira da Costa, jornalista, poeta, cronista, memorialista, teatrólogo, historiador e orador, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 26 de junho de 1878, e

faleceu na mesma cidade em 8 de dezembro de 1961. Aos vinte anos Luís Edmundo fazia parte do grupo simbolista, sendo diretor da *Revista Contemporânea*, uma das publicações de vanguarda do Simbolismo brasileiro. De 1899 a 1900, trabalhou na *A Imprensa*, de Alcindo Guanabara, passando em seguida para o *Correio da Manhã*, que Edmundo Bittencourt acabava de fundar. Foi, durante muitos anos, corretor de companhias francesas de navegação, tendo feito inúmeras viagens marítimas à Europa. Publicou seu primeiro livro de versos, *Nimbus*, em 1899, *Turíbulos*, em 1900, e *Turris Eburnea*, em 1902, reunindo-os no volume das *Poesias* (1896-1907). Mudou seu estilo e transferiu o lirismo e o amor ao ritmo para um prosador que se transformaria no grande cronista da cidade. Tornou-se bibliófilo e pesquisador do passado, buscando temas para as peças de teatro que viria a escrever. Foi a Portugal, pesquisou em arquivos, bibliotecas e conventos de província, depois à Espanha, reunindo material, inclusive iconográfico, para as obras que iria escrever. Escreveu crônica do passado, em *O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-reis* e *A corte de D. João no Rio de Janeiro*, e também a da vida de sua cidade no tempo em que viveu, em *O Rio de Janeiro do meu tempo*, sua obra-prima, e nos cinco volumes de suas memórias.

acervo JL



## ELMANO GOMES CARDIM

Natural de Valença, no Estado do Rio de Janeiro, onde nasceu a 24 de dezembro de 1891. Faleceu na cidade do Rio

de Janeiro em 19 de fevereiro de 1979. Estudou nos Colégios Pedro II e Alfredo Gomes. Concluiu o curso de Direito na Faculdade do Rio de Janeiro em 1914. Iniciou a carreira de jornalista em *O Selo* e no *Diário de Notícias*. Integrou-se, em 1909, na equipe do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro. No jornal, redigiu por algum tempo as famosas "Várias" e passou de revisor de provas a diretor e proprietário. Exerceu cumulativamente alguns cargos públicos, no Arquivo Nacional e mais tarde foi indicado escrivão de uma das Varas de Órfãos e Sucessões. Recebeu, em 1951, o Prêmio Moors Cabot de Jornalista. Foi eleito sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1937, passando a efetivo em 1970 e a benemérito em 1976. Integrou a missão cultural no Uruguai em 1943, onde pronunciou conferências na Universidade daquele país. Entre os trabalhos publicados, merecem destaque: *Justiniano José da Rocha*, *A Vida Jornalística de Rui Barbosa*, *Joaquim Nabuco: homem de imprensa*, *Na minha Seara*, *Jornalistas da Independência*, *Discursos*, *Rocha Pomba*, *Vidas Gloriosas*, *Graça Aranha e o Modernismo Brasil*, *Na Pauta da História*. Presidiu Elmano Cardim a Associação Brasileira de Imprensa. No Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ingressou como sócio honorário em 1937, passando a efetivo em 1970 e a benemérito em 1976.

## O adjetivo [-zinho] e a flexão interna

Por José Augusto Carvalho\*

Alguns autores consideram que o [-z] de [-zinho] é uma consoante de ligação, e que, portanto, [-zinho] seria apenas um alomorfe, isto é, uma forma diferente do sufixo [-inho], esquecidos de que os nomes em [-inho] só flexionam o sufixo, como em papelinhos, pastorinhos, florinhas, anelinhos, ao contrário dos nomes em [-zinho], em que a base também é flexionada: papeizinhos, pastorezinhos, florezinhas, aneizinhos. Assim, o plural de barzinho, mulherzinha e pastorzinho é barezinhos, mulherezinhos e pastorezinhos, por exemplo, únicas formas aceitáveis pela norma, ainda que, na fala popular, se empregue o plural sem flexão da palavra base.

Se considerarmos [-zinho] um sufixo ou um sufixoide, e não um adjetivo preso, teremos de considerar a existência de flexão interna, o que constituiria uma exceção na morfologia do português. No caso de "quaisquer", plural de "qualquer", o que existe é a junção gráfica de um pronome (qual) a um verbo (quer), dando a impressão de que se trata de uma palavra só com flexão interna. Assim, o "preso" que caracteriza o adjetivo [-zinho] tampouco constituiria uma exceção, mas também a junção gráfica de duas palavras, um substantivo (morfema base) e um adjetivo (o morfema [-zinho]). Quando o morfema base é pluralizado, o [-s], marca de plural, em posição de neutralização, se fundiria com o "z" de [-zinho]: botões + zinhos = botõe(s) zinhos; anões + zinhos = anõe(s) zinhos.

Neutralização é a eliminação da oposição distintiva de dois ou mais fonemas, numa determinada posição. Sabemos que /s/ e /z/ são fonemas distintos, mas antes de consoante surda, o "s" soa como alofone do fonema /s/, como em "deste", ou antes de silêncio, como em "aves"; mas soa como alofone do fonema /z/ antes de consoante sonora, como em "desde", ou antes de vogal,

como em "aves amigas". Houve aí uma neutralização. No caso de "anões + zinhos", o "s" de anões soaria [z], se fosse pronunciado, porque está em posição de neutralização.

Pode-se pensar em flexão interna no caso dos vocábulos com vogal tônica fechada na penúltima sílaba, como ovo, sogro, tijolo (vocábulos proterispômenos), que apresentam alternância vocálica, como tijolo (ô) – tijolos (ó), ou sogro (ô) – sogra (ó) – o que constitui uma forma de redundância: na flexão de "sogro", além do [-a], marca de feminino, ainda há a metafonía: no caso de "tijolo/tijolos", além da marca de plural, ainda há a mudança de timbre da vogal que reforça o plural. No caso de "avô/avós", há apenas a alternância vocálica para indicar mudança de gênero. Metafonía é a mudança de timbre de uma vogal tônica por influência da vogal átona final. No caso de "botões" + [-zinhos], o "s" soa [z], porque vem antes de consoante sonora, que é o "z" de [-zinho], os dois sons [z] se fundem num só.

Para comprovar que o "z" de [-zinho] é um adjetivo preso, há exemplos em escritores antigos em que o "s" é grafado na palavra base junto à terminação [-zinho], como em "ladrõeszinhos" e "murmuraçõeszinhos", exemplos de Manuel Bernardes, coligidos por Castilho e apresentados por Mário Barreto no livro *Através do Dicionário e da Gramática* (Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1927, p. 225-6), que acrescenta exemplo de Garcia de Resende: "gibõeszinhos."

Cometem, portanto, erro de concordância nominal os que dizem mulherzinhas ou barzinhos, ou, pior ainda, anãzinhas e botãozinhos, sem flexão do morfema base.

NOTA: Os colchetes indicam alofone (uma das formas com que se pronuncia um fonema) como em [s], ou morfema, como em [-inho]; as barras oblíquas indicam fonema, como em /z/, símbolo que representa multiplicidade de sons chamados alofones. As aspas indicam palavras ou vocábulos, que, embora termos metalinguísticos diferentes, se apresentam aqui como sinônimos.

\*José Augusto Carvalho, doutor em língua portuguesa pela USP, é autor de vários livros sobre língua portuguesa, como *Estudos de Língua Portuguesa*, de 2019, e *De Língua e Linguística*, de 2022, ambos pela editora Cajuína.



Por Zé Roberto



zerobertograuna@gmail.com

## HELIO BUENO

Conheci o cartunista Helio em meados dos anos 1980, quando, por coincidência, ele frequentava a casa dos meus tios paternos. O artista namorava a Marise Maio, que era filha do casal José e Gilda, amigos de longa data dos meus tios, Dr. Atel Mattos e Norma. Eu ainda sonhava (e continuo sonhando) em me tornar desenhista, especialmente caricaturista, e quando Helio soube disso, me deu de presente uma assinatura anual do semanário *O Pasquim*. Num tempo em que a imprensa alternativa cumpria um importante papel no jornalismo nacional, receber em casa a edição do famoso jornal do “Rato que Ruge”, era uma alegria imensa. Eu acompanhava as charges, cartuns e caricaturas dos maiores artistas do gênero como Ziraldo, Jaguar, Henfil, Nani, Guidacci e do próprio Helio. Na época, a Ditadura Militar começava a perder força, e os exilados políticos retornavam ao Brasil. Leonel Brizola era um deles, e ensaiava sua vitoriosa campanha ao governo do Rio de Janeiro, e eu consegui dois trabalhos impressos do Helio sobre o tema: um folheto e uma camisa que faziam campanha a favor do candidato do recém-criado PDT. O folheto exibia Brizola surfando, cercado de outros surfistas, com o slogan “Está todo mundo na onda do Brizola”. Já a camisa, mostrava uma charge com traço vazado em branco num fundo vermelho e, literalmente, chamava de burros quem não votasse no engenheiro gaúcho. Usei muito essa camisa, inclusive quando fui votar, e a charge estampada fez muito sucesso na fila que antecedia a urna. Possuo essas duas preciosidades na minha coleção até hoje.



Tempos depois, fui estudar a arte do desenho num dos cursos do Senac, e tive a alegria e honra de ser aluno do Guidacci, quando soube que o professor era amigo do Helio. Além de atuar como orientador de artes, Guidacci era funcionário do *Jornal do Commercio*, no qual atuava como chargista e, quando ele curtiava suas merecidas férias, convidava o Helio para substituí-lo no jornal dos Diários Associados para fazer as charges diárias. Em janeiro de 1988, quando chegou mais uma temporada de férias do Guidacci, o Helinho (como os amigos costumam chamá-lo) não pôde cumprir o período e eu, surpreendentemente, fui convidado para suprir a ausência do Mestre. Quer dizer, na minha simples trajetória, a dupla de artistas faz parte da minha formação, eles foram os dois primeiros cartunistas que conheci pessoalmente. Anos depois, mais precisamente em 1994, comecei a atuar também

em eventos culturais, quando tive a oportunidade de organizar a exposição “Imenso Cordão”, que comemorou os 50 anos de Chico Buarque de Hollanda, no Museu Nacional de Belas Artes. Tratava-se de uma exposição coletiva e que contou com participações de artistas novatos e alguns veteranos dos mais consagrados do gênero, como Nássara, Mendez, Aylton Thomaz,



Charge de Helio.



Chico Buarque e seu passaredo.

Claudius e o próprio Helio. Para este evento, Helinho criou uma das mais belas caricaturas da mostra, quando retratou o Chico acompanhado de seu violão cercado de diversos passarinhos, numa alusão à música “Passaredo”, um primor que exaltou a bela obra que o homenageado criou em parceria com Francis Hime.

Carioca nascido no dia 6 de setembro de 1954, Helio Bueno é formado em Comunicação Visual pela UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro e, logo no final dos anos 1970, foi trabalhar na *TV Globo*, quando atuou como ilustrador no Departamento de Arte da Central Globo de Jornalismo e Esporte. Na famosa emissora de TV, Helio tornou-se chefe do setor, permanecendo na empresa por marcantes 38 anos. Além da *TV Globo* e do jornal *O Pasquim*, Helio publicou seus desenhos no *Jornal de Ipanema*, *Monitor Mercantil*, *Última Hora*, *O Globo* e *Jornal do Brasil*. Hélio também ilustrou dois interessantes livros infantojuvenis,

*Desextinção*, lançado pela Thex Editora, em 1997, escrito pelo também cartunista Nani, e que foi prefaciado pelo genial Tom Jobim; e o lúdico *O Gato Azul*, pela mesma editora, de autoria da saudosa Marise Maio, lançado em maio de 2000, obra que Arnaldo Jabor considerou como “lindo, porque mostra que a educação infantil não se dá pela culpa, mas pelo alívio de entender que errar é humano!”.

Atualmente, Helio Bueno está aposentado, mas continua desenhando regularmente como colaborador dos canais digitais do chef e *chocolatier* suíço Carlo Möckli (carlomockli.com/) e, desde 2021, publica semanalmente suas charges no site de notícias *A Seguir: Niterói* (aseguirniteroi.com.br/). Helio também pode ser visitado no seu próprio site, no endereço helio-bueno.com/, ou no Instagram, no perfil @heliobueno\_arte.

Saúde e Arte!



Detalhe da arte na camiseta.



Brizola surfando em direção ao Palácio da Guanabara.



Pelé.

# Francisco Acayaba Gê de Montezuma

Por Mary del Priore\*

## UM MESTIÇO QUE VENCEU PRECONCEITOS TORNANDO-SE UMA DAS FIGURAS MAIS IMPORTANTES DO IMPÉRIO

Em época tão trepidante quanto o I e II Reinado, um personagem importante invadiu a cena urbana e a Corte: o “mulato”. A palavra, então, já designava “mistura de branco com preto”, e é encontrada nos documentos da época sem maiores adjetivações. Amácula não advinha da associação com os animais como repetem erradamente alguns. Mas do “baixo nascimento”, da modesta origem familiar. Justamente por designar pessoa de “ínfima condição”, o termo foi ganhando, ao longo do tempo, conotações pejorativas. Mulatos e pardos compunham então aproximadamente 42% da população.

Como poucos sabem, a miscigenação alcançou todos os níveis da sociedade, e, como veremos, mulatos ou pardos ocupavam posições importantes no Conselho de Estado, na Câmara de Deputados, no Senado, nas artes e na literatura.

E um desses afro-brasileiros de maior destaque foi Francisco Gomes Brandão, chamado por seus companheiros, desde a mocidade, de Montezuma. Nascido em 1794, em Salvador, filho de Manuel Gomes Brandão, branco, e Narcisca Teresa de Jesus Barreto, negra, ambos baianos e modestos, ele cresceu em Penedo. Seu pai era comandante de um dos brigues que, no fim do período colonial, fazia a rota entre a Bahia e a costa da África traficando escravos. Segundo o desejo paterno, Montezuma deveria se preparar para a vida sacerdotal. Para isso, a família voltou a Salvador e, em 1808, ele entrou para o Convento de São Francisco. Naquela época, a carreira eclesiástica funcionava como um chamariz. Ao conferir “foros de nobreza”, o sacerdócio era sinônimo de prestígio social.

Os métodos de ensino em mau latim e a avalanche de sermões foram suficientes para entediar Montezuma. Por falta de vocação, ele abandonou o claustro. Optou pela Escola Médico Cirúrgica, onde passou três anos. Havia exigências para ingressar na recém-fundada instituição. Além de uma taxa de 6.400 réis, referente à matrícula, requeria-se que os estudantes não apenas soubessem ler e escrever corretamente, mas que também tivessem conhecimento de latim e francês. Esta é uma pista importante, que serve como indicativo de que os estudos de Montezuma não estiveram restritos apenas às primeiras letras.

Em 1816, vamos encontrar o jovem Montezuma em Lisboa, frequentando hospitais ou a bordo de navios negreiros, pois um médico era figura obrigatória na tripulação. No ano seguinte, matriculou-se nos cursos de Direito e Filosofia da Universidade de Coimbra, onde adquiriu fama de bom aluno. Era líder dos acadêmicos brasileiros que seguiam sua personalidade magnética. Foi em Coimbra que Montezuma tomou gosto pelas sociedades políticas secretas, comuns na época, fundando a denominada *Keporática* ou dos Jardineiros. Suas cores? O verde e o amarelo. Ele seria uma das faces pardas da melhor universidade portuguesa, e seu objetivo era receber formação e, posteriormente, ingressar na magistratura ou em cargos de prestígio na administração metropolitana e colonial. O jovem se formou com notas regulares em mérito literário, mas, graças às suas indisciplinas, ganhou zero em “probidade e prudência”.

Ao regressar a Salvador em 1821, Montezuma mergulhou na política. Tinha 27 anos. Rebelou-se contra a junta provisória que subordinou a Bahia às cortes de Lisboa. Restituir a Bahia ao Brasil para que obedecesse ao príncipe regente foi a maior preocupação da atuação de Montezuma. Por meio de textos incendiários, ele travou uma batalha enraivecida contra a metrópole. Seu talento como redator abriu-lhe as portas do *Diário Constitucional*. Passou das palavras aos atos quando, em novembro de 1821, participou da conspiração que levou oficiais da guarnição militar a prestar obediência ao governo de D. Pedro I, negando-se a obedecer às ordens de Lisboa. Em janeiro de 1822, ocorreu a eleição para a presidência da Junta Provisória Governativa, encarregada da administração da antiga capitania.

Para o cargo e sem surpresas, venceu o partido independentista. Prevendo o resultado, as cortes portuguesas enviaram reforço militar a Salvador e substituíram o governador de armas eleito pelo tenente-coronel Inácio Madeira de Melo. Montezuma e seu grupo promoveram o impedimento da posse de Madeira de Melo, enquanto explodiam sangrentos combates entre portugueses e brasileiros. Perseguido, Montezuma teve que se esconder, mas não interrompeu a publicação do jornal, que era o órgão dos patriotas brasileiros. Em finais de agosto, o jornal foi empastelado. Com o agravamento da situação de guerra civil entre a comunidade portuguesa e os baianos, ele se juntou aos fugitivos que seguiram para Cachoeira, São Francisco e Santo Amaro, vilas do Recôncavo que tinham se declarado a favor do governo do Rio de Janeiro.

Seu papel combativo no *Diário Constitucional* deu-lhe um cargo de vereança. Ocupar espaço na municipalidade era algo a que somente indivíduos que gozassem de grande prestígio poderiam aspirar. Mas, tanto a indicação quanto a escolha de Montezuma para integrar o órgão de elite, era um forte indício de que, apesar da origem apagada, nem o nascimento nem o seu modo de vida faziam com que fosse visto como socialmente desqualificado. Eleito e empossado, coube a ele ir ao Rio de Janeiro pedir ajuda a D. Pedro I para a resistência das vilas do Recôncavo.

Ao chegar à corte, Montezuma viu a cidade se preparando para a coroação do Imperador. Ele foi bem acolhido pelo ministro dos Negócios do Império, o então todo-poderoso José Bonifácio de Andrada e Silva, que o convidou a fazer parte do Apostolado da Ordem dos Cavaleiros de Santa Cruz. A sociedade secreta tinha por

objetivo defender a integridade do Brasil e lutar por sua independência. Porém, o propósito por baixo do pano era combater o grupo que, se de início havia aceito a monarquia constitucional como atalho para a separação de Portugal, agora queria a República. Recebido pela Câmara Municipal, o baiano foi ali aclamado, e depois, seguido pelo povo, se dirigiu ao Paço, onde foi apresentado à Sua Majestade. O baiano acompanhou a coroação do imperador de perto, honraria dada a poucos.

Quando lhe foi oferecido o título de barão da Cachoeira, recusou. Não cedia a favores, nem fazia agradecimentos aos poderosos. Em fins de dezembro, voltou a Salvador ainda ocupada pelos portugueses. Levou armamento para a luta, material tipográfico e instruções para a escolha de deputados à Assembleia Geral Constituinte e Legislativa do recente Império do Brasil. Lançou então o jornal *Independente Constitucional*.

Montezuma foi encarregado de voltar ao Rio, para explicar tais tensões ao imperador. Enquanto, no dia 2 de julho de 1823, as tropas brasileiras entravam em Salvador, no Rio de Janeiro, Montezuma tomava posse como deputado na Assembleia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil, cargo que conquistou com pequeno número de votos. Missão: realizar a primeira Constituição do país.

Ele era dos mais jovens deputados. Ativo, não recuava frente às opiniões dos mais experientes. Seus colegas deputados, que se encontravam na Constituinte, eram em sua grande maioria liberais moderados. Foram eleitos de maneira indireta e por voto censitário e não pertenciam a partidos, que, aliás, ainda não existiam no país.

Rumos políticos levaram os deputados a desejar D. Pedro I como uma figura subordinada à Assembleia. Por trás da disputa entre o imperador e a Assembleia havia uma outra, que foi a real causa de sua dissolução. Desde o início dos trabalhos legislativos, os liberais federalistas tinham como principal intuito derrubar o ministério presidido pelos irmãos Andrada. A 5 de novembro, surgiu o incidente que daria causa à dissolução. Um jornalista, foi surrado por dois militares lusitanos. Tal ofensa contra a liberdade de opinião seria também uma ofensa à nação, insistiam os Andradas. Bonifácio bombardeou a casa com discursos inflamados, acusando os deputados de omissão frente a um atentado ao povo. A reação nas ruas foi uma onda de xenofobia antilusitana, com quebra-quebra e gritaria. D. Pedro mandou que o Exército se preparasse para um conflito. O medo da dissolução da Assembleia se instalou. Na mesma manhã, o ministro Francisco Vilela Barbosa compareceu à Assembleia com um recado: ou os deputados aprovavam medidas para censurar a imprensa e caçavam os Andradas, ou as tropas entrariam em ação.

Durante suas explicações, o ministro ouviu deputados gritando que D. Pedro fosse declarado “fora da lei”. Pela punição que recebeu, Montezuma foi um deles. Ao saber disso, D. Pedro imediatamente enviou o brigadeiro José Manuel de Moraes, mulato e futuro ministro da Guerra, que havia se distinguido nas lutas pela independência da Bahia, com um decreto: estava dissolvida a Constituinte. Os irmãos Andrada, Montezuma e mais dois deputados foram presos e levados à fortaleza da Laje a caminho do exílio.

No ano de 1830, começou a segunda legislatura da Câmara. Medidas governamentais eram duramente criticadas. Em abril de 1831, sem conseguir dar soluções aos problemas, D. Pedro abdicou em favor de seu filho Pedro II. Partiu para Portugal levando sua segunda esposa, a princesa Amélia de Leuchtemberg.

Nos primeiros meses do mesmo ano, Montezuma voltou ao Brasil. Embora ausente por oito anos, foi eleito para a Assembleia Geral Constituinte em maio de 1831. Tornou-se, então, o primeiro deputado da história brasileira a lutar contra o tráfico negro.

Em 1837, a convite de Feijó, Montezuma ocupou o cargo de ministro Plenipotenciário do Brasil na Inglaterra, que exerceu por nove meses. Padre Feijó renunciou à Regência e foi substituído por Araújo Lima, e os anos seguintes foram ingratos para Montezuma. Ele não tinha sido reeleito para o triênio 1834-1837, mas, de 1838 a 1841, integrou a oposição liberal à regência conservadora de Araújo Lima e se empenhou num novo momento político: o da campanha pela maioridade de D. Pedro II.

Ao mesmo tempo que agitava o Clube da Maioridade, Montezuma se envolveu com a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, uma verdadeira “ilha de letrados de elite”, composta por um grupo moderado, que apostava na monarquia constitucional.

Desde que voltou ao Brasil, Montezuma abandonou o partido liberal e passou a agir de forma totalmente independente. Em junho de 1843, colocou de pé a ideia que alimentava há muito: uma associação que congregasse advogados. Nasceu o Instituto dos Advogados do Brasil, com sede na Rua do Cano – embrião da OAB. Tinha um programa: colaborar com o governo e o poder legislativo, reformar o código criminal e elaborar um comercial.

Mas não conseguia se manter fora da política. Voltou em 1847 à Assembleia Provincial fluminense, onde saiu no tapa com um brigadeiro, seu desafeto. A partir de 1848, começou a tentar uma indicação para o Senado, pois, da lista tríplice de indicados, o imperador D. Pedro II escolhia um.

Foram anos importantes para o político que lutou, desde 1831, pelo fim do tráfico de escravos. Enquanto D. Pedro II manobrava a elite agrária graças ao Poder Moderador, foi votada, em 1850, a lei do senador e ministro Eusébio de Queirós, proibindo o tráfico. Em 1854, D. Pedro resolveu distribuir títulos a todos os conselheiros de Estado. Deu à Montezuma o de visconde de Jequitinhonha, com honras de Grande do Império e conselheiro de Estado.

A 15 de fevereiro de 1870, às 5h30 da manhã, poucos dias antes de terminar a Guerra do Paraguai e depois de alforriar a duas escravas, Helena e Maria Lucrécia, Francisco Gê Acayaba de Montezuma descansou. Fechava os olhos um afro-mestiço que se formou em Coimbra, participou diretamente da Independência, foi exilado, viajou por inúmeros países da Europa, foi jornalista atuante, fundador do embrião da OAB e do IHGB, ministro da Justiça e dos Negócios Interiores e ministro Plenipotenciário do Brasil na Inglaterra, respeitado por dois imperadores. Montezuma foi alguém que viveu intensamente a aventura de ser ele mesmo.

\*Mary del Priore é membro do IHGB, IHGRJ, ACP, APL, PEN Club do Brasil.

# Conceição

Por Raquel Naveira

A cultura sul-mato-grossense foi profundamente marcada por duas mulheres notáveis de nome “Conceição”: Conceição dos Bugres e Conceição Ferreira.

Conceição dos Bugres era uma escritora primitiva, uma mulher rude, de mãos toscas, cheias de veias e sulcos que se confundiam com a madeira, com a cera das abelhas. Os bugrinhos que criava eram retangulares, cabeças chatas, braços semelhantes a asas curtas e pés esparramados. Mas tinham vida, expressão no olhar, nas barriguinhas estufadas. Tornaram-se verdadeiros símbolos de nosso Estado, totens de nossa identidade cultural.

Conheci Conceição há muitos anos, numa tarde de sábado. Fomos, uma turma de moços, ver o seu trabalho. Ela nos atendeu com seu jeito tímido, os longos cabelos grisalhos amarrados no meio das costas, o vestido puído de chita florida. Levou-nos à pecinha de madeira, de chão de serragem, onde colocava os bugrinhos em prateleiras. Pregava-os como se fossem seus filhos, recém-saídos do ventre da terra, como raízes de mandioca.

Como eu era jovem naquele tempo! Nem sei se tive a visão da importância daquele momento e daquela artista. O certo é que nunca esqueci daquela tarde de sábado. Da cerca de arame farpado em volta do terreno áspero de cerrado, sem nenhuma árvore. Nem do sol que mergulhava vermelho no lago do Amor. Nem do seu corpo franzino, desconjuntado no trabalho pesado. Nem do formão que ia arrancando lascas, faíscas e sonhos dos pequenos troncos.

Escrevi este poema-tributo:

*Conceição dos bugres  
Conceição transformava madeira em bugres  
Numa festa de suor, serragem,  
Cera de abelha.*

*Conceição,  
Madrinha das árvores e troncos,  
Benta com o estigma de mulher pobre.*

*Conceição via o sol cair no lago do Amor  
Enquanto tomava mate  
Na cuia da morte.*

*Conceição,  
Vela consumida até o fim,  
Recendendo guavira.*

*Conceição,  
Foi esculpir bugres na noite índia,  
Nos riachos puros onde fremem sapos.*

Conceição Ferreira foi uma atriz portuguesa, nascida na aldeia de Lardosa, em 1904. Estudou Arte Dramática no “Conservatório Gil Vicente”, em Lisboa. Veio para o Brasil em 1924, primeiramente para o Rio de Janeiro, onde estreou no Teatro Recreio, ao lado de Henrique Brieba. Ingressou na Cia Teatral Oduvaldo Viana e depois na Cia Teatral Maria Castro, viajando por todo norte e nordeste.

Chegou a Mato Grosso em 1928. Percorreu as cidades de Aquidauana, Miranda, Corumbá, Cáceres, Cuiabá, Três Lagoas, Campo Grande, Ponta Porá e adentrou o Paraguai.

Recebeu um convite para filmar “Alma do Brasil”, primeira produção cinematográfica do Estado, sobre a Guerra do Paraguai. Resolve então residir definitivamente em Campo Grande, reunindo um grupo de jovens da sociedade local para formar uma pequena companhia de teatro. Os ensaios aconteciam na residência do maestro Emidglio Campos Vidal, e as apresentações no antigo Cine Trianon.

Conceição Ferreira foi também apresentadora da Rádio Difusora de Campo Grande, PRI-7. Viúva, mudou-se para São Paulo, mas vinha sempre a Campo Grande, onde tinha um filho. Faleceu em 1992, em Campo Grande, cansada e esquecida.

Quando pequena, eu ouvia muito falar dela e de seu marido, José Ferreira, que eram amigos e “patrícios” de meus avós portugueses.

Depois, só tornei a vê-la no teatro Glauce Rocha, em meados de 1990, na noite do lançamento do livro “Alma do Brasil”, de autoria do advogado e folclorista, José Octávio Guizzo. O livro é relato de como aconteceram as filmagens desse epopéia sul-mato-grossense. Foi uma noite de glória. Conceição, velhinha, magra e faceira, muito pintada, envolta num xale de seda de fundo negro estampado de flores, subiu ao palco aplaudida de pé, o auditório veio abaixo. Infelizmente, o aparelho enguiçou e não

podemos assistir ao lendário “Alma do Brasil” e à comovente cena da mãe com seu filhinho, num incêndio da macega, protagonizada por Conceição.

Minha tia Nicota, de Bela Vista, contou-me um fato inusitado: quando a companhia teatral passava por aquela cidade, os meninos saíam gritando pelas ruas, numa entonação dramática: “Hoje tem espetáculo Conceição Ferreira.” A partir dessa frase, construí o poema:

*Conceição Ferreira  
A cidade é Aquidauana  
Com seu rio de serpentes,  
É Corumbá,  
Afogada em camalotes,  
É Bela Vista,  
Vermelha e quente,  
Pela praça principal,  
Passa o caminhão tosco,  
Levando estrados,  
Cortinas,  
Baús pesados,  
É a companhia de teatro;  
Um homem grita na boleia:  
– Hoje tem espetáculo Conceição Ferreira!  
Os meninos acompanham gritando:  
– Hoje tem espetáculo Conceição Ferreira!*

*Prepara-se a sala do cinema:  
Cadeiras,  
Bancadas,  
Degraus,  
Lugar para o coro,  
Para o piano e o fagote,  
Nos cantos, lampiões bojudos,  
De gás amarelo,  
Chupam mariposas.*

*Hoje tem espetáculo Conceição Ferreira!  
Será uma opereta?  
Uma peça dramática com alguma mártir dolorosa?  
Uma comédia à La Garçonne?  
O importante é ver Conceição,  
A lisboeta que canta,  
Que afeta,  
Misto de bailarina e borboleta.  
Hoje tem espetáculo Conceição Ferreira!  
Tragam as cabeleiras,  
As máscaras,  
Os coturnos,  
As túnicas com mangas,  
As barbas falsas,  
As telas dos cenários  
E espelhem muito incenso  
Nesse ar seco de mato.*

*Hoje tem espetáculo Conceição Ferreira!  
É tudo miragem,  
Ilusão,  
Fingimento,  
Imitação,  
Mas parece tão verdadeira essa história  
De cabocla bonita.*

*Hoje tem espetáculo Conceição Ferreira!  
Ponham esse anúncio na Rádio PRI-7,  
Que é pra todo mundo vir à noite,  
Quando a lua acender as estrelas.*

*Conceição,  
Virou fantoche no teatro do mundo,  
Mas aqui,  
Bem na alma do Brasil,  
No centro-oeste  
Onde pulsa o coração,  
Ainda se ouve o apelo:  
– Hoje tem espetáculo Conceição Ferreira!*

As sofridas almas de Conceição dos Bugres e de Conceição Ferreira foram purificadas pela luz da Arte.

## BIBLIOGRAFIA

GUIZZO, José Octávio. *Alma do Brasil*. Campo Grande: Imprensa Universitária, 1984.

NAVEIRA, Raquel. *Nunca-te-vi*. São Paulo: Estações Liberdade, 1991, p. 73.

#AFavorDoBrasil



Visite nosso site e saiba mais



# CHEGOU AHORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o “CNC Transforma”, movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em [afavordobrasil.cnc.org.br](http://afavordobrasil.cnc.org.br)



Trabalho a favor do Brasil.

# Fazer rir é uma arte

Por Ester Abreu Vieira de Oliveira\*

Fazer rir é uma arte que alguns escritores sabem bem manejar por excelência.

O humor é diferente da ironia. Aproxima as pessoas, materializa-se e estimula movimentos em quem o recebe com uma carga de efeitos paralinguísticos, e faz jorrar o riso. Enquanto a ironia, não diz literalmente o que pretende, deixa parecer ser outra coisa, contém um teor de intelectualidade crítica, distancia as pessoas com uma carga de sarcasmo e não provoca a gargalhada. Para a maior parte das pessoas, o escritor humorístico é o que faz rir. Ele é o cômico, o satírico, o grotesco que se opõe ao sublime, ao ideal, mas a técnica do humor não anula o trágico.

Freud (1981) apresenta várias definições sobre a comicidade, em seu ensaio sobre o chiste (piada), apontando que esse tem tendências inconscientes e reforçadas, faz aparecer um sentido escondido, um caráter brincalhão, um contraste de representação, um descobrimento de alguma oculta acepção. Mas há inibição, uma espécie de defesa psíquica, para evitar um desprazer.

Bakhtin (1981), ao examinar a carnavalização em obras do segundo período de produção literária de Dostoiévski, encontra forte o elemento cômico e define o riso como uma posição estética. Essa é a razão de cada época e cada povo possuir seu próprio e específico sentido do humor e a tradução do cômico de um idioma para outro perder o seu vigor, porque muda a sociedade receptora e onde um ri outro pode não rir. É uma questão de ordem histórica, social, nacional e até pessoal.

O riso é fácil quando com rudeza brincalhona suja-se uma figura, violentando-a, ridicularizando-a. Ele aparece por semelhança, uma coisa parece ser outra, como as máscaras do baile de Carnaval. A imagem dupla não diz a mesma coisa, mas o diferente.

A obra mais conhecida de Miguel de Cervantes, *Don Quijote de la Mancha*, possui recursos de ironia e comicidade, como a luta que o cavaleiro enfrenta com o Moinho de Vento (Cap IX). Nessa aventura há ironia, porque nega a realidade do mundo. Mas a loucura de o herói enfrentar um moinho como se fosse a um gigante tem algo de trágico em sua comicidade. O combate é desastroso. É uma espécie de paródia da Batalha de Lepanto, algo “espantável e jamais imaginado”, como comenta D. Quixote: “boa guerra e grande serviço a Deus arranca má semente.”

A paródia é um dos instrumentos poderosos da sátira social. Ela está ligada ao exagero cômico e ao desnudamento de um defeito. Segundo Bergson (1978), a arte do caricaturesco capta um detalhe, às vezes imperceptível, e o evidencia. Sem dúvida, o grau mais extremo do exagero é o grotesco, que traz em si uma grande carga do trágico, porque o cômico é, ao mesmo tempo, trágico. Por essa razão, a frustração do insucesso de D. Quixote na investida contra o gigante é cômica pelo exagero e disparate de sua ação, mas nem toda frustração é cômica. As iniciativas grandes ou heroicas naufragadas não são cômicas, mas trágicas. Nem toda comicidade é triste ou angaria simpatia. Se os reveses de um homem, na representação de Chaplin, quando foge de um burro e entra na jaula de um leão, ou as aventuras malogradas de D. Quixote, trazem o riso, é porque neles existe uma grandeza humana e a sinceridade de suas ações. Ao contrário, as personagens não ocasionam simpatia e não transmitem pena se representam impulsos e tendências egoístas e mesquinhas, pois a

mediocridade da pessoa impulsiona um caráter de punição, como a figura do avaro Harpagon ou do hipócrita Tartufe de Molière. O riso que nos provoca D. Quixote ou Chaplin não é resultado do malogro, mas da disposição interrompida de acabar com gigantes em um e de tentar sair da jaula no outro, além disso, não se culpa uma pessoa por seus reveses, mas se sente dela pena.

Na literatura satírica e humorística, o ato de fazer alguém de bobo é comum, um exemplo são as ações de Grilo no *Auto da Compadecida* de Suassuna. É um procedimento que domina no teatro popular, no teatro circense, no mamulengo, no teatro de boneco e na “*Comedia del arte*”: nas figuras de Pierrô, Colombina e Arlequim. Desse artifício, empregaram Shakespeare em suas comédias e Cervantes nos entremeses. Muitas fábulas se aproveitam do engano para doutrinar. Um exemplo é a da raposa astuciosa e o corvo egoísta e vaidoso. Logo, a mentira enganosa é cômica, desde que não se deixe levar por consequências trágicas. Ela deve ser sempre desmascarada, isto é, deve ser revelada.

Considera-se Don Quixote louco, porque só aspira a justiça de dar proteção aos debilitados e humilhar os poderosos. Mas é um lutador pacífico. A sátira está em que ele é ridículo, mas é heroico no seu grotesco. É por essa união do trágico e do cômico que o riso não sai livremente, porque deixa uma sensação de pena. A negação do positivo é a essência do trágico e do cômico e a linha que os separa é tênue. A comicidade ingênua surge quando ela nos apresenta como justo, bom, e sensato. O cômico assinala o vício e o exagero de cânones. Por isso são cômicas não só as situações que nos apresentam os bêbados com a inversão de valor, como também as atitudes de desrespeito em que se ridicularizam as instituições. Toda insubmissão a tudo o que é colocado no alto nível hierárquico-celestial, demoníaco-terrestre ou a qualquer entidade provoca o riso pela insubordinação e as situações absurdas. Haja vista a cena em *O Auto da Compadecida*, quando Manuel diz à Virgem: “Se a Senhora continuar a interceder desse jeito por todos, o inferno vai terminar como disse Murilo, feito reparação pública, que existe e não funciona.”

Bergson (1978), ao teorizar o riso, falando sobre o cômico em geral, sobre a comicidade das formas e movimentos, mostra que o risível está em certa rigidez mecânica ali onde deveria haver maleabilidade, flexibilidade e repetição. Um exemplo é a cena da taberna em *D. Quixote* (Cap XVI), quando Sancho é agredido pelo tropeiro e este agride Maritorne sobre a qual o taberneiro recai. As cenas que nos apresentaram os Trapalhões e os Três Patetas estão carregadas dessas situações absurdas.

Por fim, um grande instrumento de comicidade e zombaria oferece a língua em impropriedade de uso em mãos de um hábil escritor, como Cervantes, quando coloca os conselhos de Sancho Panza e refrões proferidos em horas e discursos impróprios e nas inversões de valores, ou quando fala com seu asno como se ele fosse humano.

## Referências

- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.
- BERGSON, H. *O riso. Ensaio sobre a significação do cômico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.
- CERVANTES Miguel de. *D. Quixote de la Mancha*. Madrid, Espasa Calpe, 1956.
- FREUD, S. “El chiste y su relación con el inconsciente”. *Obras completas*. Madrid: Ed. Biblioteca, 1981, v.1

\*Ester Abreu Vieira de Oliveira é membro do PPGL/Ufes, presidente da Academia Espírito-santense de Letras, da Academia Feminina Espírito-santense de Letras, ACLAPTCTC – Academia Capixaba de Letras e Artes de Poetas Trovadores, Academia de Letras do Brasil e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.



Reprodução da ilustração de capa do livro *Il riso. Saggio sul significato del comico*, de Henri Bergson, da editora Laterza.

# Tá tenso. Tá, sim, senhoras e senhores

Por Marli Gonçalves\*

Tá tenso aí? Tem até rolado uns medos mais esquisitos? Anda olhando para os lados, já não atende celular na rua nem por decreto? Anda de carro com os vidros fechados ou, se tem recursos, mandou fazer blindagem dupla? Se arrepia só pela aproximação de uma moto ou uma bicicleta?

Está tenso. A impressão não é só minha ou sua, parece ter mesmo a ver com o clima geral. Pior, clima local, nacional, mundial. Parece que estamos todos dentro de um barril de pólvora e que, se alguém riscar um fósforo, pode explodir, e ainda bem que não estamos perto de rebanhos bovinos e seus puns inflamáveis que mandam tudo aos ares.

Mas vamos falar de Brasil. E, ainda, mais perto, também de São Paulo, que acaba representando o que deve estar ocorrendo em outras centros urbanos, embora em outra escala. Parece que alguma coisa está sempre sendo urdida em algum lugar – isso aqui me referindo à política, a aquele pessoal horroroso que nos infernizou durante quatro anos e que não queria largar o osso e agora pretendem não nos deixar esquecer-los de vez. A gente respira um incrível e silencioso ar de conspiração, que nos impede até de curtir um pouco mais o ar pacífico, alegre e leve que sentimos quando os tiramos do poder. Eles insistem em infernizar e o ar chega a ficar fétido quando o atual governo federal não faz ou faz/fala/inventa sandices, infelizmente ocasiões que ainda são numerosas. Imediatamente qualquer assunto, por mais bobo que seja, é ampliado pelos agentes do mal nas redes, fermentado, acrescido ainda de fake news e outras provocações. Eles estão aí, vivos, que não nos distraíamos.

A economia não vai bem no mundo inteiro, mas claro que o que a gente sente mesmo de verdade na pele é a nossa, a que está perto, a que nos impede de comprar, planejar. E não tem nada bom, os índices mostram que um rolo compressor aparenta estar aquecendo motores atrás de algum poste, empresários mal-humorados, demissões assustadoras, previsões de tempo ruim. Tudo isso também dimensionado e alimentado pela ideia do quanto pior melhor, da direita, da esquerda, do centro – assim se

fatura em cima, vocês sabem que essa é a comida da política ruim.

Vou fechar o foco mais aqui em São Paulo e aí vamos falar de Segurança Pública, do Centro da cidade, dos moradores de rua, dos viciados da Cracolândia, das ondas altas de volta, com sequestros, roubos, assaltos, golpes de tudo quanto é tipo, gangues, da pedrada, da cotovelada. Tudo coisa pra a gente até ter saudade dos tempos que falávamos apenas de trombadinhas. Agora são trombadas sem qualquer poesia que nos lembre os meninos do trapiche de Jorge Amado em *Capitães da Areia*.

É preciso também, no entanto, que se ressalte: o número de ideias de jerico que está saindo da cabeça das autoridades responsáveis parece que vem de contusões de tanto eles próximos baterem cabeça entre si. Essa semana foi pródiga. A começar pelo projeto de levar moradores de rua para trabalhar em propriedades rurais de pequenos agricultores, com o governo se comprometendo a comprar deles parte da produção. Não parece uma ideia linda, fofa?

Pois, pelo menos a mim, parece a implantação de um projeto de nova forma de escravidão, porque obviamente a fiscalização do funcionamento é praticamente impossível.

Todo dia uma coletiva anuncia algo: então, já cercaram de grades a icônica Praça da Sé; a bela Catedral está com a sua frente adornada por viaturas. Como espalharam a Cracolândia, boa parte dos efetivos se ocupa em passar o dia correndo atrás dos montinhos de viciados e traficantes que se agrupam, correndo e voltando sempre ao mesmo local quando eles viram as costas. Sobre os moradores de rua, enquanto um secretário dá entrevista falando em tratamento humanizado, poucos quilômetros adiante as câmeras das tevês mostram barracas e itens do povo da rua sendo jogados violentamente em caminhões. Têm sido frequentes os relatos de truculência policial.

Tá tenso, bem tenso, porque tudo isso junto está piorando nos últimos dias quanto até o comércio já bem prejudicado tem baixado portas para evitar arrastões que já ocorreram na região central. O medo, o temor e o terror se espalham. Mas fiquem espertos. A diferença é que agora tudo parece muito organizado, comandado de cima por poderosas forças e organizações criminosas que se fortaleceram cada vez mais justamente nos últimos anos enquanto quem devia agir continua pensando em soluções que nunca chegam. Ou quando são tentadas são só mais ideias de jerico.

\*Marli Gonçalves é jornalista, consultora de comunicação, editora do *Chumbo Gordo*, autora de *Feminismo no Cotidiano – Bom para mulheres. E para homens também*, pela Editora Contexto. (Na Editora e na Amazon). marligo@uol.com.br / marli@brickmann.com.br.



**Toda teoria tem um LADO PRÁTICO. ESTÁGIO**  
o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

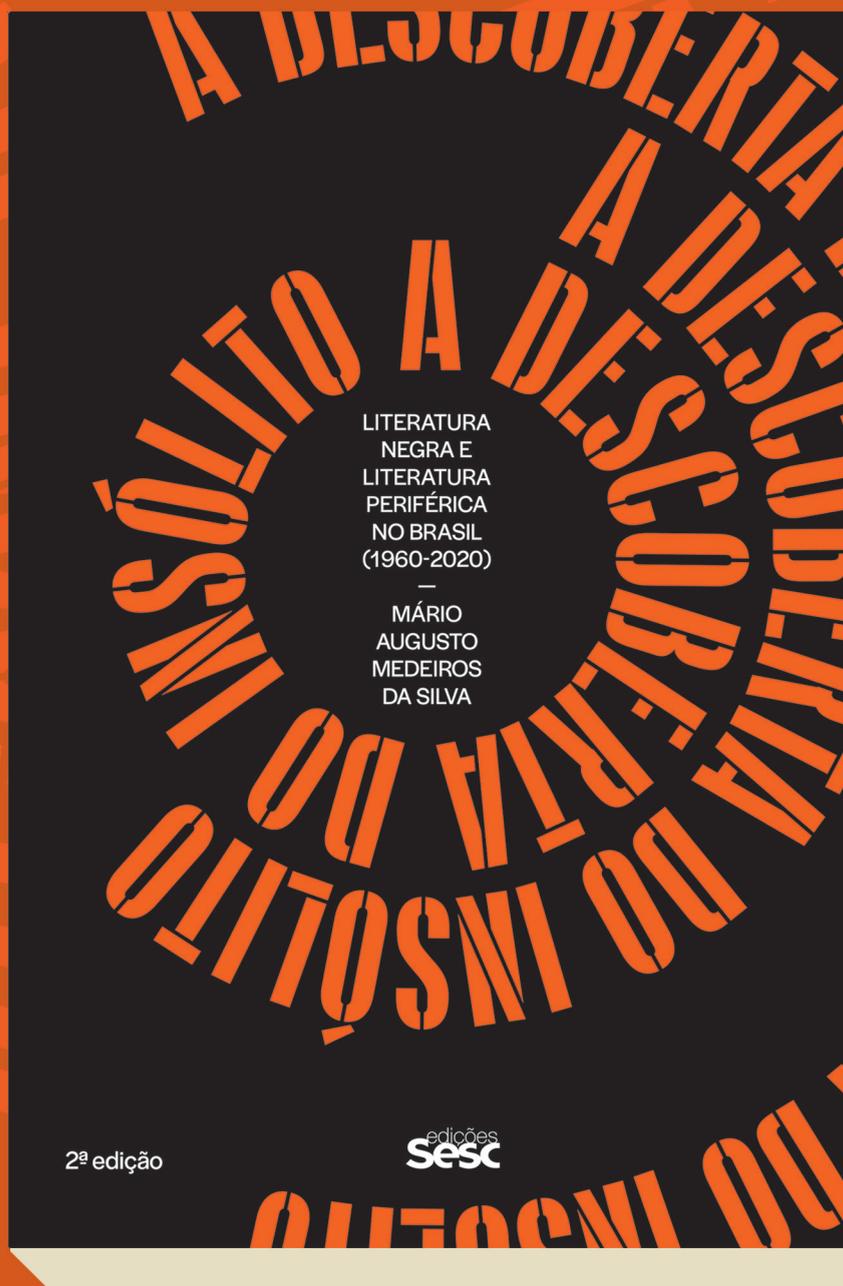
- ▣ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▣ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▣ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▣ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

**FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !**

INFORMAÇÕES:  
Disque Estudante  
(21) 3535-4545

 CENTRO DE INTEGRAÇÃO EMPRESA-ESCOLA RIO DE JANEIRO

Cadastre-se através do site [www.ciee.org.br](http://www.ciee.org.br)



# A DESCOBERTA DO INSÓLITO

## LITERATURA NEGRA E PERIFÉRICA NO BRASIL (1960-2020)

MÁRIO AUGUSTO MEDEIROS DA SILVA

O percurso das literaturas negra e periférica a partir dos anos 1960 enfrentou questionamentos, barreiras, invisibilidade, oposição, pouca valorização. Mas, ao negarem o que sempre lhes fora naturalizado no senso comum e na história social do país, escritores, ativistas e intelectuais negros e periféricos escavaram com enfrentamento e resistência um espaço incontestável na história da literatura brasileira. Isso pode ser observado no reconhecimento de nomes como Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Paulo Lins, Conceição Evaristo, Marcelo D'Saete, Oswald de Camargo, Sérgio Vaz, Kiusam de Oliveira, entre tantos outros – hoje celebrados, premiados e objetos de estudo. Esta segunda edição, revista e ampliada, conta com um novo capítulo, voltado à história das livrarias e das editoras dedicadas à literatura negra, e ressaltando o poder da literatura negra feminina no Brasil atualmente.

[sescsp.org.br/edicoes](http://sescsp.org.br/edicoes)

    /edicoessescsp

edições  
**Sesc**